

PROVÍNCIA DE NAMPULA

COMÍCIO DA SEDE DO DISTRITO DE MOMA - 2006

Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoye!

(Hoye!)

Província de Nampula hoye!

(Hoye!)

Província de Nampula hoye!

(Hoye!)

Moma hoye!

(Hoye!)

Moma hoye!

(Hoye!)

Moma hoye!

(Hoye!)

Moma hoye!

(Hoye!)

Muito bom dia! **(Bom dia!)**

Queria começar por agradecer. E depois, vou apresentar. E depois, vou partilhar. E depois, vou aprender. Quero agradecer a vossa amizade, o vosso carinho. Desde que chegamos a Moma ontem, sentimos imediatamente que estamos perante pessoas que gostam de nós. Velhos, adultos, jovens, crianças, homens, mulheres... todos presentes, a cantar, a dançar, isso tudo para mostrar amizade. E como se isso fosse pouco, quando chegamos aqui recebemos boas prendas... Já estou mais apresentável, mais bonito assim, não é? **(É!)** Pena que não foi possível pôr o traje, mas muito obrigado, muito obrigado mesmo! **(Palmas)**

Recebemos também ainda outras prendas, ofertas. E essas ofertas, algumas são para (....) outras são para utilizar. E outras são para comer, é para comer... O trabalho que tiveram para produzir, vencer o cansaço para termos mais comida. Uma parte deste aqui que é para comer – porque eu não posso meter tudo aqui na minha barriga, não tenho lugar para isso – então eu vou partilhar convosco. Sabem que no nosso País ainda há muita gente que ainda sofre de fome. Há crianças nos orfanatos, que não têm comida suficiente. Há pessoas idosas, que também não têm comida suficiente. Há pessoas doentes, por exemplo em tratamento contra o SIDA, mas que o tratamento não melhora, a doença não melhora, porque não comem bem! Então, eu vou carregar essa parte da vossa ajuda, da vossa oferta, para entregar aqui na própria província, a aqueles que são necessitados!

Moçambique hoye! (Hoye!)

Moçambique hoye! (Hoye!)

Esses são os meus agradecimentos. Agora, eu gostaria que conhecessem as pessoas que estão comigo. Há muitos dirigentes e quadros que todos os dias acordam e procuram saber o que é que podem fazer para que os Moçambicanos desde o Rovuma até ao Maputo possam comer. O que é que podem fazer para que os moçambicanos todos

do Rovuma ao Maputo combaterem a pobreza, acabarem a pobreza. Então, eu vou apresentar-vos alguns deles.

(seguem-se as apresentações)

(...) É verdade ou não é que nascemos pobres? Que vivemos pobres. E talvez vamos morrer pobres. Estamos condenados a morrer pobres. Nós podemos transformar isto. Nós que estamos aqui, podemos mudar as coisas. Nós que estamos aqui, podemos acabar com a pobreza. Nós podemos fazer a pobreza passar a História, porque somos gente boa, gente trabalhadora, e isso é-nos pela natureza. Se usamos bem as coisas, a pobreza passa para o passado. Passa para a História. Então, vamos acabar com a pobreza! Vamos acabar com a Pobreza! Há pessoas que não acreditam nisso. Há pessoas que não acreditam nisso! Os que não acreditam, em parte é porque não conhecem a nossa História. A nossa História é o nosso percurso ao longo dos séculos. O que é que éramos em 50. O que é que éramos em 1800. O que é que éramos em 2000. Isso é que é a nossa História!

Há pessoas que não conhecem essa História. Não conhecem a sua própria raiz. Não sabem de onde vem. Pensam que estão aqui só. E pensam que essas árvores, é tudo aquilo que existe para si. Não conhecem o seu passado. Não sabem de onde vem. Não sabem o que venceram. Não sabem o que conquistaram. Por isso, não acreditam que a pobreza pode ser vencida! Mas nós aqui – que estamos aqui – nós vencemos muitas coisas. A nossa História é rica, vem de há muito tempo. Nós que estamos aqui – os nossos pais, os nossos avós, os nossos bisavós, os nossos tetravós – todos esses, é o mesmo povo. É o mesmo povo. Eles é que cresceram esta terra. Eles é que plantaram essa mangueira. Eles é que fizeram as machambas. Eles é que ensinaram a língua que nós falamos. Eles é que nos ensinaram a fazer as nossas cerimónias, não é assim? É ou não é?

Nós, a Frelimo, daqueles que nos fizeram... Portanto nós temos um passado. E quando eles morreram, deixaram isso para nós assim como quando nós morrermos também, vamos deixar isso para os nossos filhos e para as nossas filhas. Esse é que é o grande povo Moçambicano. Que tem um passado. Tem um presente. E agora, quer caminhar para um futuro melhor. E um futuro melhor é um futuro sem pobreza!

Aqueles que conhecem a nossa História, sabem que nós vencemos muitas coisas. Primeiro, sabem que nós acabamos com o colonialismo – com a dominação estrangeira – com as nossas forças. Com a nossa vontade. Com a nossa determinação. Afastamos a dominação estrangeira em Moçambique. Nós, esse povo aqui presente, fez isso! Há muitos lugares, onde não conseguiram a Independência como nós conseguimos, mas nós fizemos isso. Nós fizemos isso porque compreendemos, aprendemos a lição da História. E a lição da História dizia que se estivermos divididos, se estivermos divididos em tribos e raças, não vamos vencer. Mas se nos unirmos, juntarmos as nossas raças, juntarmos as nossas tribos, juntarmos as nossas línguas diferentes, juntarmos os nossos cantares diferentes, nossas maneiras de dançar diferentes, a nossa maneira de dançar diferente, nós vamos vencer qualquer inimigo. E por isso mesmo, quando Mondlane determinou; quando Mondlane mobilizou os Moçambicanos para se unirem, e quando os moçambicanos se uniram, o colonialismo que estava em Moçambique há quinhentos anos – quinhentos anos é muito tempo. É muito tempo mesmo quinhentos anos! Dentro dos quinhentos anos, nascemos nós. Dentro dos quinhentos anos, nasceram os nossos pais. Dentro dos quinhentos anos, nasceram os nossos avós, cresceram, produziram os nossos pais. Dentro dos quinhentos anos, nasceram os nossos tetravós, cresceram, casaram, produziram filhos e morreram. Dentro dos quinhentos anos,

também nasceram os tetravós dos nossos tetravós. É muito tempo! É muito tempo mesmo! Mas nós não conseguíamos tirar o colonialismo. Nós não conseguíamos decidir o que queríamos para o nosso país, até que aparece Mondlane, veio nos unir! O segredo está na unidade... (...)

Em treze anos, treze anos, os colonos foram-se embora. Treze anos, é a idade de uma criança que está a estudar. E isso foi alcançado, porque os moçambicanos são um grande Povo. Nós somos um grande Povo. Nós aprendemos a unirmo-nos. A lutar para vencer.

E depois da Independência, veio a guerra. Veio a guerra para destruir tudo. Os moçambicanos cansaram-se e disseram: **vamos acabar com isto!** Todos de novo se juntaram: os que estavam na cidade, os que estavam nas vilas, os que estavam nas bases, os que estavam refugiados. Juntaram-se, abraçaram-se, como irmãos. Somos a mesma raiz. Somos a mesma raiz do Rovuma ao Maputo. E acabaram com a guerra. E a guerra acabou. E hoje, estamos em paz. Nós somos um povo raro: conquistamos a Independência! Nós somos um povo raro: conquistamos a paz!

Agora, por isso mesmo, aqueles que conhecem a nossa História sabem, que nós podemos acabar com a fome. Sabem, que nós podemos acabar com a pobreza. Basta estarmos unidos. Todos querermos a mesma coisa, a pobreza vai acabar. A pobreza vai acabar! Só quem não conhece a nossa História, é que não acredita que nós fizemos maravilhas. E não sabe que foram feitas por nós as maravilhas que existem neste País. É por isso mesmo, que no nosso país, o vosso governo, o governo da Frelimo, está a considerar que o distrito é que é a base. É a partir do distrito que se acaba com a pobreza. Então, o distrito deve ter recursos. E o distrito tem hoje o Conselho Consultivo Distrital. No Posto Administrativo tem o Conselho Consultivo do Posto Administrativo. Nas aldeias e comunidades existe o fórum, que é para poder trazer para o governo, as dificuldades que existe. E mostrar ao governo daquele nível, quais são os caminhos para acabar com a pobreza.

Eu tive há pouco tempo uma reunião, com o Conselho Consultivo de Moma. Aquilo que eu ouvi ali, eu disse: haa, estamos a avançar bem! Eles é que fazem o plano, tendo em conta os recursos que tem. Aquilo que se deve fazer para desenvolver o distrito, está nas vossas mãos encontrar as formas. Os recursos são poucos, então esses recursos podem utilizar mais. Mas nos recursos há coisas que nós não vemos. Há que descobrir esses recursos, para melhorar as condições do nosso grande povo. Essas são as grandes preocupações. Então estivemos a analisar uma questão. Por exemplo, nós temos que... nós temos que aumentar o número de árvores. Há pessoas que não respeitam aquilo que os nossos velhos deixaram para nós. Queimam as árvores. Queimam as árvores. Agora vão começar daqui a pouco – a procura de rato.

Por causa de rato, fazer desaparecer uma mangueira. O rato tem carne, é verdade, mas a mangueira tem mangas. Dá hoje, dá amanhã, até depois de amanhã. Temos que estudar outra maneira de encontrar rato. Não é destruindo a floresta. Mas há pessoas que estão a destruir a floresta! Então, é nossa obrigação plantar árvores, para aquelas árvores que morrem, serem substituídas. Quer seja por queimadas. Quer seja para cortar madeira. Quer seja para fazer carvão. Quer seja para fazer lenha, temos que substituir! Porque a árvore, dá sombra. A árvore de fruta, dá sombra e fruta. A árvore também ajuda a atrair, a criar condições para chuva. Onde as árvores não existirem, nós teremos pouca chuva. E nós precisamos da chuva. E as árvores, é que tiram para fora o oxigénio. Como é que se traduz oxigénio em Macua?

Ajuda a purificar o ar. Se não há árvores certas, aquilo que nós respiramos pode provocar doenças dentro de nós. Já viram num lugar onde não há muitas árvores, o ar até parece pesado! Por isso, precisamos das árvores para o ar ser muito bom. Precisamos das árvores para atrair mais chuva. O Conselho Consultivo vai estudar a questão. E vai ter respostas de como resolver esse problema, para que cada Momense, poder dizer todos os anos, poder dizer todos os anos: esta é a árvore que eu plantei! Esta é a árvore que eu plantei! Velho, criança, homem, mulher, plantar árvore para o ar ficar bom e para chamar mais chuva. É isso que nos interessa para combater a pobreza.

Por isso mesmo, quem conhece a nossa História, sabe que nós somos capazes de fazer as coisas, porque já fizemos no passado. Tiramos o colonialismo. Acabamos com a guerra. Agora, a nossa tarefa é acabar com a pobreza!

O vosso governo criou os Conselhos Consultivos Distritais para permitir que o povo possa fazer esse trabalho também.

(...) É bom dar-lhes ouvidos. Nós temos que ser abertos. Aceitar aprender. Temos que aceitar aprender. Por exemplo, no tempo das mangas, há muita manga que apodrece, mas há técnicas aqui que a população conhece. Mas os outros não querem aprender, e também são da população. Se pegar a manga madura, cortar em fatias, depois de descascar, e pôr a secar ao sol, então fica muito bom, e muito bem conservado. E se aparece alguém em casa, podemos dar a comer. E é agradável. Ou então, pode vender e podem comprar aí nas barracas, para as pessoas enquanto bebem alguma coisa, irem comendo aquela coisa. Isso ajuda a combater a pobreza. Pelo menos não se vai comprar. Porque é que aqui agora não há manga? Agora neste momento estaríamos todos a comer mangas, apesar da manga fresca ter passado. É uma maneira de combater a pobreza,

Há outra maneira de combater a pobreza ainda. Há uma planta chamada jatropha, conhecem? Eu vou pedir o Ministro do Interior para vos explicar.

(Seguem-se as explicações do Ministro do Interior)

COMÍCIO DA CIDADE DE NAMPULA - 2006

... No Aeroporto de Nampula, assistimos a um movimento impressionante. Aqui nesta cidade, podemos dizer que tivemos uma recepção apoteótica. Vimos uma situação que dificilmente se repete na vida de uma pessoa. Desde do Aeroporto até a residência, Nampula envolveu-nos com o seu carinho, com a sua amizade. Por isso, queríamos saudar e dizer muito obrigado Nampula!

Queríamos também saudar e agradecer por aquilo que são as mensagens que nos são transmitidos nas belas canções que aqui ouvimos, também desde o Aeroporto até aqui. As mensagens estão lá. As missões são entoadas. É assim. O povo deve dizer o que quer, para nós estudarmos como realçar. Por isso, queríamos agradecer.

Queremos ainda agradecer, as ofertas que aqui nos foram dadas. Essas ofertas mostram também o amor, porque dizem que deram aquilo que precisavam. Mas preferiram partilhar comigo, como sinal de amizade. Muitíssimo obrigado! **(Palmas)**

Algumas das ofertas que aqui estão, são de comer. São alimentação. São produtos que alimentam. Como podem imaginar, eu não posso sozinho comer tanto amendoim que nos ofereceram. Por isso mesmo, aquilo que nos é oferecido e que

serve para comer, para alimentar o corpo, para o corpo ter força de trabalhar, uma parte havemos de doar a aquelas pessoas da nossa população que estão carentes. E vamos dizer que é a população de Nampula que naquele dia da reunião nos deu isso. E nós partilhamos com esses carentes. Eu falo aqui de crianças, que são desamparadas. Falo de crianças órfãs. Falo de velhos, que também não sei quem lhes alimenta constantemente. Nós podemos partilhar com eles aquilo que é da vossa generosidade. Por isso, muito obrigado por essa contribuição! **(Palmas)**

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Eu não tenho muita coisa para falar hoje,

(É melhor apoiarem, aí atrás não conseguem ver)

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Eu não tenho muitas palavras hoje, porque eu vim para aprender da população da bela cidade de Nampula. Por isso, aquilo que vamos fazer aqui, vai ser em primeiro lugar apresentarmos alguns dos dirigentes e responsáveis que estão connosco. Eu sei que conhecem, mas é sempre bom que vejam de novo. Porque eles estão preocupados. São como eu nessa luta. Na vitória. Na luta contra a pobreza.

Em segundo lugar, eu vou partilhar convosco algumas das minhas preocupações. E em terceiro lugar, que é a parte mais importante, eu vou ouvir as vossas questões. Vou ouvir os vossos conselhos, para ajudar-me neste caminho. Para mostrar por onde é que devemos ir, para nós todos podermos alcançar aqueles objectivos que nos são caros. Para nós todos acabarmos com a pobreza. Começarei, portanto, por apresentar. Eu queria pedir aqueles que me acompanham, para virem aqui perante a população de Nampula, apresentar-se!

(Seguem-se as apresentações.....)

(...) Hoje Sofala, assim como em Nampula. Ou como noutros pontos do nosso país, nós todos temos uma preocupação em comum. E a nossa preocupação em comum é que somos pobres. Somos pobres. Isso quer dizer que há coisas básicas que nós precisamos para a nossa vida, que nós não conseguimos ter mesmo trabalhando. Trabalhamos, mas não conseguimos satisfazer essas coisas básicas. Algumas pessoas podem ficar sentirem-se enganadas pelo facto de terem alguma coisa, mas isso não quer dizer que o povo moçambicano não é pobre. Não quer dizer que ele próprio não é pobre. Isso não quer dizer que os seus pais não são pobres. Isso não quer dizer que os seus vizinhos não são pobres. Ou que não tenham um amigo que seja pobre. A pobreza sai do Rovuma até ao Maputo. Pobreza o que é?

Não ter comida que chegue. Que chegue – isso é pobreza! Não ter sapatos, é pobreza! Não ter a roupa que nós precisamos, é pobreza! Não ter água para beber – água limpa, água potável – isso é pobreza! Por isso, há muitos moçambicanos a quem falta pelo menos uma dessas coisas na qualidade desejada. Por isso, nós dizemos que nós somos pobres. Mas pobreza é mais outras coisas. É pobreza falta de estradas. Quando nós

quisermos sair daqui para Moma, temos que ir por uma estrada difícil, não encontramos pontes em certos lugares – é pobreza! Pobreza somos, porque nós todos não podemos passar aí, ou não podemos passar como devíamos passar ali.

É pobreza a falta de chapa, porque sem chapa nós não nos podemos deslocar para um ponto que nós queremos chegar. Isso é pobreza! É pobreza, a falta de escola. É pobreza a falta de escola. Hoje temos muitas crianças em Moçambique, que não podem estudar porque não há escolas. Ou então, nas escolas que nós temos, onde eles estudam, os professores são poucos e as turmas são grandes. As vezes o professor tem que fazer um, dois turnos e assim não tem tempo para se preparar como deve ser. Isto é pobreza nossa. É pobreza do País. Não ter as escolas que nós queremos – as escolas que nós merecemos.

É pobreza não ter hospital – o hospital onde nós possamos ser tratados quando ficamos doentes. Isso também é pobreza! É pobreza não ter medicamentos para se tratar quando estivermos doentes. É pobreza isso também. Por isso, a pobreza tem muitas maneiras de se manifestar, e nós não podemos pensar que eu tenho carro hoje, eu não sou pobre. E depois? Quando o carro se estraga, precisa de arranjar. Moçambique é pobre. O País é pobre. É a pobreza. Também é pobreza a falta de energia. Nós falamos muitas vezes: queremos energia – energia eléctrica. Mas a energia eléctrica não está em todas as casas. Mesmo aqui na cidade, há muita gente que não tem energia eléctrica. Portanto, não podemos dizer que a cidade de Nampula é rica. Há alguns que têm energia. Mas há muitos outros que não têm energia eléctrica. É pobreza isso! É pobreza isso!

Até telefone. Telefone. Agora já há telefone celular – mesmo aqui na cidade há telefone celular. Mas não são todos que têm telefone celular. Há alguns que tem possibilidades de poder comprar o telefone celular e poder comprar o seu giro. Mas há parte dos moçambicanos, aqui mesmo onde nós estamos, que não tem acesso ao telefone, apesar de estar num lugar onde devia, onde há rede telefónica. Isso é pobreza! Isso é pobreza! Por isso mesmo, nós combatemos contra a pobreza. Aquilo que é comum em todos nós, é que a todos nós falta uma coisa ou muitas coisas dessas. Ou as coisas que nós temos não são em quantidades suficientes para nos satisfazer. Ou então, quando a quantidade é suficiente, a qualidade não é boa. Podemos ter muita água no rio, e a água do rio não ser boa para nós bebermos. Isso é pobreza.

Por isso mesmo, todos os moçambicanos, desde o Rovuma até ao Maputo, o grande problema comum que todos têm é pobreza. E então pobreza, é o nosso inimigo. As nossas forças devem ser utilizadas para combater e acabar com a pobreza. Mas há gente que não acredita que a pobreza pode acabar. Mas como é que vai acabar a pobreza? Eu nasci na palhota. Não havia luz eléctrica. Raramente encontrava sabão. Não tinha carro. Não tinha escola. Não é possível acabar com a pobreza! Nós africanos nascemos para ser pobres – há pessoas que acreditam nisso! Que nós moçambicanos, nós africanos, não podemos deixar de ser pobres. Há pessoas que acreditam isso. Que meteram isso na cabeça e acreditam isso. Mas isso, em grande parte acreditar nisso, é falta de conhecimento da nossa História. Da História que nós fizemos, todos nós, do Rovuma ao Maputo.

Porque, história o que é? É o percurso que nós fizemos ao longo do tempo nós juntos. Nós lutando juntos. Nós sofrendo juntos. Nós vencendo juntos. É isso que é a História. A História diz aquilo que aconteceu no tempo, nós todos como um povo. Por exemplo, a História diz que fomos colonizados. É verdade. Do Rovuma ao Maputo, todos nós fomos colonizados. Todos nós ouvimos falar de que aqui em Zimbabwe, alguns de nós sofreram no Zimbabwe. Todos nós ouvimos dizer do tratamento desumano que nos

era dado. De pessoas que eram atiradas ao mar com cordas amarradas ao pescoço, por não concordarem com a dominação estrangeira. É uma História comum de todos nós. E então, nós não podemos esquecer!

Mas aqueles que não conhecem a nossa História – e há moçambicanos que não conhecem a nossa História – podem pensar que nós podemos não vencer. Podem pensar que a pobreza está para ficar. Que a pobreza não vai acabar. Mas aqueles que conhecem a História, sabem que são moçambicanos – os nossos pais, os nossos avós, e nós mesmos, os nossos primos, os nossos filhos – quem foi capaz de acabar com o colonialismo. Que afastaram o colonialismo. Acabaram com o colonialismo. E fizeram com que os moçambicanos pudessem decidir aquilo que eles querem. Porque os moçambicanos, com a colonização não podiam escolher nem onde fazer uma estrada. Nem podiam escolher se podiam ter energia. Nem podiam escolher onde construir uma casa. Quem mandava eram eles. Não podiam escolher. Pode ser uma escola, quem mandava eram eles. Não podiam escolher. Pode ser um hospital, quem mandava eram eles. Mas quando Moçambique conquista a Independência, então Moçambique fica com o seu destino nas suas próprias mãos. Os moçambicanos passam a decidir o que querem fazer. É por isso, por exemplo, que foi possível depois da Independência, os moçambicanos decidirem que querem universidade em Nampula. Quando eram... não podiam decidir. O colonialismo colocou uma universidade. Uma só universidade. Só uma universidade em todo Moçambique. Colocou em Maputo, em Lourenço Marques. E nessa universidade, entre mais de 2000 alunos, só 44 eram moçambicanos. Minoria. Minoria. Os professores dessa universidade eram todos estrangeiros. Os moçambicanos não podiam decidir nada. Mas quando os moçambicanos tomam os destinos – o seu destino nas suas próprias mãos – os moçambicanos aumentam as universidades. Os moçambicanos colocam as universidades não só na capital do nosso país, mas também em todas as províncias. E hoje, nós temos em todas as províncias, universidades. E aqui na província de Nampula, nós temos mais de duas universidades. É porque o povo tem o destino nas suas próprias mãos!

Os moçambicanos hoje é que decidem o que querem e criam condições para poder realizar. Isso é para dizer que quem não conhece a nossa História, não conhece a nossa força. Não conhece a sua própria força. Essa força enorme, muito grande, que é dada pela unidade dos Moçambicanos. Não conhece. Não sabe o que é que ele é capaz de fazer. Mas aqueles que conhecem a nossa História, sabem muito bem que os moçambicanos, Unidos do Rovuma ao Maputo, acabaram com o colonialismo e tomaram nas suas mãos a decisão de fazerem aquilo que querem fazer das suas vidas.

Quando havia guerra aqui no país, que também destruiu, mais uma vez os moçambicanos unidos. Aqueles que estavam nas bases; aqueles que estavam nas cidades; aqueles que estavam no campo; aqueles que estavam refugiados – todos juntos – quando quiseram acabar com a guerra, acabaram com a guerra! E estabeleceram a paz no país. Os moçambicanos quando querem fazer uma coisa, eles lutam para poder realizar. Essa é a nossa História. Essa é a nossa História. Quem conhece a nossa História sabe disto. Sabe que os moçambicanos – que não se conheciam até 1962, 1962 não se conheciam – uniram-se e ficaram irmãos. Porque o colonialismo não deixava que se conhecessem. Considerava que as nossas diferenças eram um problema para a nossa unidade. Quando apareceu Mondlane e disse que não senhora, as nossas diferenças são riqueza para nós!

Vamos juntar tudo e vamos sair muito mais forte! Eu daria um exemplo recente, agora. É como no futebol. Os 11 jogadores que estão em campo, não fazem todos a mesma coisa. Uns jogam a esquerda, ou com pé esquerdo. Outros jogam a direita, com o pé

direito. Outros gostam muito de cabeçadas. Outros gostam muito de correr. Outros jogam com a mão, defender. Essa diversidade, essa diferença desses 11 jogadores junta é que faz com que a equipa seja mais ou menos forte. Mas se todos jogassem da mesma maneira, a equipa não havia de ser forte. Por isso mesmo, nós também – a unidade nossa – são as coisas diferentes que transformam Moçambique num país forte, muito poderoso. Transforma o povo moçambicano em gente forte, muito poderosa. E quando querem fazer uma coisa, unem-se e fazem aquilo que querem.

E de facto, quisemos acabar com o colonialismo, acabou o colonialismo. Quisemos acabar com a guerra, acabou a guerra. Agora, nós queremos acabar com a pobreza. Vamos nos unir de novo, com muita força, com o nosso conhecimento todo, para empurrar a pobreza, para a pobreza passar a História. Para podermos dizer: naqueles tempos, quando havia pobreza como vemos hoje; naqueles tempos, quando havia colonialismo e hoje já não há colonialismo. Falamos do passado, é a nossa História. Como dizemos hoje, naqueles tempos quando havia guerra, e a guerra já não há. Faz parte da História. Chegará o dia, em que diremos: naqueles tempos, quando havia pobreza... e a pobreza não estará lá! E nós já teremos aquilo que precisamos. Aqueles que trabalham vão ter aquilo que querem. Vão ser capaz de produzir e utilizar essa riqueza que nós temos no nosso país para o benefício do nosso Povo. Nós todos, moçambicanos do Rovuma ao Maputo, queremos acabar com a pobreza. Nós temos que acreditar que somos capazes de acabar com a pobreza. Aqueles que conhecem a História, sabem que nós moçambicanos, quando queremos fazer uma coisa nós conseguimos alcançar essa coisa. Quisemos acabar com o colonialismo, o colonialismo passou para a História! Quisemos acabar com a guerra, a guerra passou para a História! Queremos acabar com a pobreza, a pobreza vai passar para a História! **(Palmas)**

Por isso, nós devemos trabalhar todos. Trabalhar mais. Trabalharmos mais para podermos criar a nossa riqueza. Trabalharmos mais para podermos alcançar aquilo que nós queremos. Mas também devemos aceitar aprender. Aprender todos os dias alguma coisa – uma das coisas que acontece nesse nosso belo país. É que há coisas que nós temos e nós não aproveitamos. Há muita coisa que nós temos e nós não aproveitamos. Por exemplo, nós temos mangas. No tempo das mangas, há muita manga em muita parte. Comemos alguma e a restante apodrece ali no chão. Vem mosca, transmitem doença. Mangas que nós temos, não aproveitamos. E agora que não há manga nenhuma, não podemos comer manga. Mas nós temos manga. Muitas mangas que apodrecem. Nós temos que aprender a aproveitar aquilo que a natureza nos oferece. Eu dei exemplo de mangas. A manga como nós sabemos, e aqui em Nampula faz-se isso. Há pessoas que fazem isso. Pode fazer marmelada. Pode fazer jam. E de manhã, quando quiser fazer uma sande de pão, põe marmelada ali e pode comer a qualquer momento. Manga – se cortar, tirar a casca e cortar em fatias, pôr a secar ao sol – pode conservar. Podemos comer agora. Aquela manga que nós deixamos apodrecer, estaríamos a comer agora! Aparece alguém em casa, damos um bocadinho de manga – manga seca. É muito boa! Há alguns que sabem aqui, mas nós não fazemos. Estamos a perder aquilo que nós temos, aquilo que a natureza nos ofereceu.

COMÍCIO DA SEDE DO DISTRITO DE MEMBA - 2006

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Povo Moçambicano unido do Rovuma ao Maputo hoye!

(Hoye!)

Povo Moçambicano unido do Rovuma ao Maputo hoye!

(Hoye!)

Província de Nampula hoye!

(Hoye!)

Província de Nampula hoye!

(Hoye!)

Memba hoye!

(Hoye!)

Memba hoye!

(Hoye!)

Memba hoye!

(Hoye!)

Muito Bom dia!

(Bom dia! Palmas)

Como é que estão?

Moçambique hoye! (Hoye!)

Nós estamos aqui para saudar a população de Memba. Sabemos que além de Memba, estão aqui representantes dos distritos vizinhos: Nacala Velha, Nacala Porto – não é vizinho mas está também aqui – Nacaroa, até Eráti. Para mim, é uma oportunidade para falar com mais gente além de Memba. Assim, queria aproveitar saudar a todos os que estão cá. Saudar por vários motivos. Primeiro, porque é bom, é agradável rever convosco... e então assim sentimo-nos mais alegres. Em segundo lugar, porque eu vejo que estão a fazer um grande trabalho. E esse trabalho vê-se mesmo na maneira como nos receberam. Muita alegria. Muita dança. Muita canção. E no meio muitas mensagens que dizem os problemas que tem. Mas também dizem aquilo que está feito. Aquilo que são conquistas. Esse é outro motivo porque saudamos. Por esta alegria. Por esta amizade, e este acolhimento muito, muito agradável para nós! Em terceiro lugar, queria saudar e agradecer pelas ofertas que nós recebemos. Nós recebemos muitas ofertas de muitas pessoas: população, empresários, dirigentes. Essas ofertas sabemos que não é fácil dar, mas quando nós oferecemos alguma coisa que não é fácil, nós estamos a mostrar que temos amor. Que temos amizade. Por isso, eu quero agradecer por este amor, por esta amizade que se materializa através das ofertas. Algumas das ofertas que são dadas, são ofertas de produtos que devem ser consumidos logo. Nós vamos fazer isso, mas como podem imaginar, não posso comer aquilo tudo sozinho. Gostaria, mas não tenho lugar para pôr tudo. Então o que é que vou fazer?

Aqueles produtos perecíveis que estão aqui, de alimentação, vamos entregar aqui ao nosso Governo para entregar nos hospitais. Há doentes que não têm comida. Bom, nos hospitais já não há felizmente, parece que agora há comida nos hospitais, não há?

...nos orfanatos, nas escolas, para poder ajudar e melhorar a alimentação dos nossos alunos, das nossas crianças assim como para os nossos velhos, os vulneráveis. Os velhos que não tem comida. Vamos dar uma parte aqui, outra parte ali. Não vai chegar para todos, mas é o vosso amor somado ao meu amor que se vai juntar para oferecer essas coisas. Por isso, muito obrigado pelas vossas ofertas! **(Palmas)**

Nós moçambicanos, temos uma História muito linda. Nós Moçambicanos, do Rovuma ao Maputo, temos uma História muito linda. E é bom que nós trouxemos essa História para que os mais velhos se recordem. Não se esqueçam. E para que os mais novos aprendam e então assim pode ter orgulho nisso mesmo. Podem gostar mais de si próprios, e uma pessoa que gosta muito de si própria faz todos os esforços para estar bem. Procura comer bem. Procura vestir bem. Procura divertir-se bem porque gosta da sua pessoa. E nós, para gostarmos de nós mesmos, temos também de conhecer a nossa História. A nossa História aponta donde nós viemos, e onde é que nós estamos. E isso permite que nós definamos todos juntos para onde é que nós queremos ir. É como quem está ir Nacala Velha aí. Vai para Nacara e quer passar por Memba. Então, a História nossa há-de mostrar donde nós saímos. Se nós saímos de Nacala Velha, há-de mostrar aquilo que nós encontramos no caminho: as árvores, os cajueiros, as casas, as estradas, os animais, as machambas, até chegarmos em Memba. E agora estamos em Memba. Daqui de Memba vamos para onde?

Vamos para Nacara. Não será mais fácil, quem está em Nacala Velha, que está em Memba, saber o que é que deve fazer para chegar bem em Nacara?

A nossa vida é mesma coisa. Nós viemos de muito longe. É muito longe mesmo. Nós já existíamos no ano 1800. Nós já existíamos no ano 1850. Nós existíamos no ano 1900. Também em 970. Também em 62. Nós estamos a caminhar como povo. Mas alguém diz assim: mas eu não estava em 1800! Eu não estava em 1950! Como é que diz que eu estava lá? Estava lá sim senhora. Estava lá sim senhora, como povo! E porquê? Porque nós nascemos de um homem e de uma mulher, que são os nossos pais. Aquele homem, nasceu de outro homem e de outra mulher, que são os nossos avós. Aquele nosso avó, também nasceu de um homem e de uma mulher. Os nossos pais, por exemplo, nasceram em 1940. Os nossos avós, por exemplo, nasceram em 1920. Os nossos bisavós, por exemplo, nasceram em 1890... há muito tempo! Se aquele avó de 1890 não tivesse nascido, nós não havíamos de existir. Porque nossa mãe não havia de existir, ou porque o nosso pai não havia de existir. Podiam existir outros, mas nós não existíamos. Eu Mussá, para poder nascer daquela senhora e daquele homem, e não de outro. Eu Idrisse, para poder nascer daquele homem e daquela mulher, e não do outro. Eu António, para poder nascer, nascer daquele homem e daquela mulher. Por isso mesmo, quando nós procuramos saber quem somos nós, temos que ver o nosso passado. E o nosso passado vem de longe. Isto é falar só dos nossos pais. Isto é só falar dos nossos avós. Mas há outra coisa que podemos pensar que nós descobrimos. Que os nossos pais quando nasceram, este país em que nós vivemos não era governado por Moçambicanos. Não eram Moçambicanos que mandavam na sua terra. Ali na administração, estava um administrador estrangeiro. No porto, a dirigir eram estrangeiros. Nas escolas que existiam na altura, a maior parte que estudava eram estrangeiros. Os nacionais não estudavam. Não eram deixados estudar. As escolas que faziam eram somente para os seus filhos, a maior parte estrangeiros. E os nacionais só

poderiam ir estudar através de um sistema muito complicado. Por isso mesmo, eram poucos os moçambicanos que conseguiram estudar naquele tempo!

Há pessoas que, as vezes, quando estão animados, dizem que naquele tempo estudava-se bem. Naquele tempo ensinava-se bem. Mas quem é que estudava? Quem é que ensinava?

Não éramos nós! Poucos de nós conseguiram fazer isso! Naquele tempo, quando se fazia tudo bem, havia muitos analfabetos! Para quê é que nós construímos muitas escolas a partir de 1975, se já existiam antes? Naquele tempo que se ensinava bem, porque é que nós tivemos que construir universidades em Nampula e noutras capitais das províncias? É porque naquele tempo não havia escolas. Naquele tempo, nós Moçambicanos, não éramos senhores do nosso destino. Não éramos senhores do nosso destino. Por isso, nós vemos o nosso passado. Donde vem o nosso avó (...).

(...)

... Nós vemos que este avó não mandava na sua terra. Na terra quem mandava era o estrangeiro. Então, aqui vamos compreender bem porque é que apareceu Eduardo Mondlane. Porque é que apareceu a Frelimo. A Frelimo veio exactamente para resolver esse problema porque os moçambicanos são dominados por estrangeiros, desde o Rovuma até ao Maputo. Todos os moçambicanos, em toda a parte, lutaram contra o colonialismo. Não conseguiram resultados, e porquê? Porque estavam divididos! Então, Mondlane disse: Vamos unir-nos do Rovuma ao Maputo! As nossas línguas diferentes não são um mal, são uma riqueza. Uma riqueza para todos moçambicanos. Vamos juntar tudo. Se nós estivermos unidos, nós vamos conseguir vencer qualquer inimigo! E de facto, logo depois de estarmos unidos, em dez anos conseguimos afastar quinhentos anos de dominação e ficamos independentes por causa da nossa unidade. E, porque houve pessoas concretas que fizeram trabalho e se dedicaram para nós conseguirmos a Independência. Por isso, nós somos um povo grande! Um povo que consegue libertar-se, é um grande povo! Um povo que lutou pela Independência! Mas um povo que vai buscar a Independência, é um grande povo!

E depois da nossa Independência, então começamos a fazer escolas, hospitais, estradas, a água, para resolver o problema da população. Mas, veio a guerra. E a guerra destruiu. De novo, a unidade foi o remédio! Juntaram-se todos os Moçambicanos, do Rovuma ao Maputo. Os que estavam nas bases. Os que estavam nas cidades. Os que estavam refugiados. Os que estavam nas vilas. Todos se juntaram e conquistaram a paz. E nós hoje temos a paz! Não é fácil, ainda há povos no nosso continente e nos outros continentes que ainda não conseguiram ter paz. Mas o povo Moçambicano – nós aqui, os nossos pais, os nossos avós, os nossos filhos, os nossos primos, os nossos irmãos – foram capazes de construir a paz e vencer a guerra. E, estarmos assim como nós estamos. É por isso, que é importante lembrarmos sempre: Nós Moçambicanos, somos um grande povo! Desde o Rovuma até Maputo somos um grande povo! Nós conquistamos a nossa Independência! Fomos buscar a nossa Independência! Nós acabamos com a guerra e conquistamos a paz!

Agora, o problema que se coloca é que ainda temos inimigo. Inimigo de todos os Moçambicanos, desde o Rovuma até ao Maputo. Inimigo hoje. Inimigo que nós temos hoje, que faz sofrer os Moçambicanos é a pobreza! É a pobreza! **Ohawa! (Palmas)**

Há quem não tem estrada, é pobreza. Há quem não tem chapa, é pobreza. Há quem não tem energia eléctrica, é pobreza. Há quem não tem escola, é pobreza. Há quem não tem hospital, é pobreza. Há quem não tem medicamentos, é pobreza. Há quem não

tem comida. Quando há seca, não come. E quando come, apanha mandioca – aquela que faz mal – e come. É pobreza isso. Nós em Moçambique, apesar de termos algumas coisas, ainda há coisas que nós não temos, desde o Rovuma até ao Maputo. É por isso que nós dizemos: o nosso objectivo é acabar com a pobreza. É acabar com a pobreza!

Por exemplo, aqui em Memba aqui, eu fiquei impressionado há pouco tempo quando vi aquela bela estrada que estão a fazer Ah sim... eu disse: ah, moçambicanos trabalham. Quando querem, fazem maravilhas! Dá para ter orgulho mais uma vez. Gostamos dos nossos filhos mais ainda. Quando vimos que somos capazes de fazer uma estrada como aquela, e se fazemos uma estrada como aquela aqui, quer dizer que podemos resolver o problema de estradas em muitos lugares. Com a força dos Moçambicanos, com a sabedoria dos moçambicanos, os moçambicanos podem fazer coisas. Os seus técnicos podem fazer mais alguma coisa. Os moçambicanos podem melhorar as condições de vida.

(...)

Casas levantadas de pedra, feita pelos moçambicanos. É uma casa mais fresca, que não cai facilmente, e portanto melhor casa. Os Moçambicanos são capazes. Eu quando vi aquela estrada, eu disse: sim senhora, estamos a acordar... hem? Estamos a acordar. Estávamos a dormir um bocadinho. **(Palmas)**

Hein... Vamos de acordar mais! Vamos acordar mais para aproveitar aquilo que a natureza nos oferece. Os nossos velhos quando morreram, deixaram isso tudo para nós. Deixaram mangueiras. Deixaram casas. Deixaram pedras, para nós. Vamos lá usar! Não é nosso? Vamos usar! Vamos acordar! Vamos aproveitar aquilo que é nosso! O que é dos nossos antepassados, lá de onde nós viemos, deixaram para nós para melhorar as nossas condições. Para, também nós quando morrermos, deixarmos coisa boa para nossos filhos.

Eu estava a dizer, há muita coisa que nós vemos que foi feita. Energia. Está-se a fazer estrada. Mas ainda falta outras coisas. Sinal de telefone ainda não chega bem aqui. Ainda há coisas faltam, portanto. Mesmo essa energia, quanta gente tem possibilidade de ter energia em casa? Não são todos. Ainda há outros que não podem ter energia. Isso quer dizer que devemos trabalhar para que todos tenham possibilidades de beneficiar e deixar de ser pobres. Basta trabalharem! Basta acordarem! Vão conseguir melhorar as condições! Por isso mesmo, nós achamos que devemos trabalhar juntos para resolver esses problemas. Mas naturalmente há problemas no caminho. Há aqueles que não acreditam que podemos acabar com **Ohawa!** Então nós temos que explicar que nós Moçambicanos, podemos acabar sim com a pobreza! Porque nós Moçambicanos, acabamos com o colonialismo! Nós mesmos moçambicanos, acabamos com a guerra! Nós moçambicanos, podemos acabar com a pobreza! Mesmo aqui em Memba, agora, nós Moçambicanos, estamos a construir aquela estrada. E nós somos capazes de fazer maravilhas. E podemos construir Moçambique sem pobreza!

Mas precisamos de outra coisa ainda. Além de acreditarmos, temos de aumentar o nosso trabalho. Trabalhar mais, para descansarmos bem. E quem não trabalha bem, não descansa bem. Porque está sempre a descansar. E quem está sempre a descansar, tem que inventar histórias para passar o tempo. Então, quem faz isso começa a fazer boatos. Começa a fazer intrigas porque não tem trabalho. E tudo é resultado de falta de trabalho. É falta de ocupação. Então, quem está a trabalhar, quando chega o momento de descansar, descansa mesmo! E quando fala, conta histórias de como trabalhou! Conta histórias daquilo que fez! Não entra em intrigas. Não faz

boatos. Por isso, temos que trabalhar ainda mais. Mas também devemos aproveitar – também devemos aproveitar – aquilo que a natureza nos pode oferecer. Agora, existe uma coisa que foi descoberta. Existe em muitos lugares em Moçambique. Chama-se jatropa. Conhecem jatropa? **(Não!)**

Está bom!

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Eu vou apresentar-vos aqui os meus acompanhantes. O último acompanhante meu, vai falar-vos da jatropa. E depois disso, vou pedir também a vossa opinião.

Moçambique hoje!

(Hoye!)

(...)

COMÍCIO DA SEDE DO DISTRITO DE LALAUUA - 2006

Província de Nampula hoje!

(Hoye!)

Província de Nampula hoje!

(Hoye!)

Lalaua hoje!

(Hoye!)

Lalaua hoje!

(Hoye!)

Lalaua hoje!

(Hoye!)

Muito boa tarde Lalaua! **(Boa tarde! Palmas)**

Cheguem mais para cá! Sentemo-nos!

Muito... (...) claramente esta amizade de Lalaua. Vemos muitos Lalauenses. Vemos Lalauenses alegres. Vemos Lalauenses a dançar. Vemos Lalauenses a cantar. E nós queremos manifestar a nossa saudação e agradecimento por esta vossa amizade. Queremos também manifestar a nossa gratidão pelas ofertas que acabam de nos apresentar. As ofertas mostram que são generosos e que sabem dar muitas vezes do pouco que também tem. Nós agradecemos muito por isso!

Também queremos agradecer as palavras de amizade, de esperança, e de ... que queremos ouvir.. nas várias mensagens. Na mensagem dos líderes comunitários. Na mensagem das organizações sociais do Partido. E também aquilo que acabo de ver agora na mensagem da ONP, os nossos professores. Eu sinto nisto que Lalaua sabe apreciar o que foi feito de positivo. E sinto nisto também que Lalaua quer mais. E é correcto que Lalaua queira mais. A vida não pode parar. Tem que avançar. O que temos hoje, queremos ter melhor amanhã. A nossa vida deve ir melhorando. Como diz uma das mensagens aqui:

que já agora começam a ter televisores, electrodomésticos, e isso tudo é produto do vosso trabalho. É produto do vosso esforço. Como temos também a escola secundária, é produto do vosso trabalho: só vai para a escola secundária quem fez sétima classe. Era preciso haver pessoas que trabalharam sete anos no ensino primário para poderem avançar para o ensino secundário. Posto isto, eu tenho três questões a apresentar-vos. Uma é apresentar-vos os vossos dirigentes. É bom saber, conhecer a cara de alguns daqueles que produzem aquilo que vocês gostam. Depois disto, vou vos apresentar as minhas preocupações, aquilo que tenho cá dentro e que quero partilhar convosco. E no fim, em terceiro lugar, vou ouvir aquilo que vocês têm cá dentro também, para poderem partilhar comigo. Começarei assim, pela apresentação dos companheiros que me acompanham.

(seguem-se as apresentações)

(...) Os moçambicanos lutam contra a pobreza. Lalaua mostrou que sabe isso. E aquilo que nos apresentaram como mensagem mostra que estão na luta contra a pobreza. E mostra que estão a ver os frutos dessa luta. E mostra que compreendem que ainda não acabou a luta contra a pobreza. Que a luta contra a pobreza só começou, ainda vai continuar. Mas nós devemos nos perguntar a nós mesmos: porquê é que é difícil fazer com sucesso a luta contra a pobreza? O que é que nós podemos fazer para vencer essas barreiras, essas dificuldades?

A razão da dificuldade está que existem infelizmente muitas pessoas que não tem consciência da sua capacidade, da sua força. Não sabem o que são capazes de fazer. O seu nível de auto-estima é muito baixo. Então, por isso mesmo não sabem, não tem certeza se vamos vencer na luta contra a pobreza. Por isso, uma das questões centrais é nós compreendermos que de facto não só podemos lutar contra a pobreza, mas que vamos vencer a pobreza! A pobreza aqui em Moçambique vai acabar!

E porquê é que vai acabar? É porque nós moçambicanos somos um povo de gente determinada. De gente com coragem. E de gente que é capaz de vencer o adversário! E esta coragem, esta determinação, já se mostrou recentemente quando todos nós moçambicanos tivemos que enfrentar dificuldades em comum e nós vencemos! Vencemos porquê? Porque sabíamos o que nós queríamos. Porque acreditávamos na nossa capacidade e porque estávamos unidos. E porque nos unimos todos, unimo-nos todos em termos de tribo. Unimo-nos todos em termos de raças. Unimo-nos todos em termos de religiões e do Rovuma ao Maputo! E pegamos essas diferenças, transformamos em fonte de força. Transformamos em riqueza. Riqueza que permitiu que nós vencêssemos os nossos grandes inimigos!

Naquele tempo, o grande inimigo era a dominação estrangeira. E quando nós nos unimos e nós quisemos acabar com a dominação estrangeira – nós quisemos pegar nas nossas mãos os nossos destinos – então marchamos e vencemos a dominação estrangeira! Os moçambicanos, do Rovuma ao Maputo passaram a governar o País. Mas, naturalmente um país sem primeira experiência, tem que vencer dificuldades. E apareceu uma dificuldade. E a grande dificuldade foi a guerra. A guerra que destruiu tudo. Destruiu escolas. Destruiu hospitais. Destruiu machambas. Destruiu estradas. Destruiu pontes. Matou gente. E então os moçambicanos disseram: alto lá, não pode! Vamos acabar com isto! Nós moçambicanos, do Rovuma ao Maputo, queremos acabar com a guerra! E de facto, nos unimos todos e a guerra acabou e estamos agora em paz!

É essa capacidade que os moçambicanos têm de ser um povo que é capaz de marchar junto. Juntamente, do Rovuma ao Maputo, para afastar os inimigos. Para afastar os adversários. No princípio, o inimigo, o adversário, era a dominação estrangeira. Ela foi afastada! Depois o inimigo era a guerra. Ela foi afastada! Estamos livres. Estamos em paz! Agora há um inimigo, é a pobreza! A pobreza que flagela todo o País, desde o Rovuma até o Maputo, e que nós temos que afastar. Nós temos que pôr de longe para que possamos falar daqui a pouco – daqui a dez anos ou quinze anos – para que possamos falar da pobreza como hoje podemos falar também ou do colonialismo ou da guerra!

Podemos falar do colonialismo, dizendo naqueles tempos quando Moçambique não se governava. Falamos disso. Do que aconteceu. Do que já passou e já não volta. Podemos também dizer: naqueles tempos quando não podíamos andar livremente daqui para Ribáue. Quando não podíamos dormir a vontade nas nossas casas... E isso já passou. É História. Algo que temos que conhecer para não permitirmos que se repita mais uma vez!

Também chegará o dia em que nós poderemos falar, como História, referindo-nos a pobreza diremos: naqueles tempos quando nós não sabíamos que haveríamos de comer no dia seguinte; naqueles tempos quando não tínhamos telefone; naqueles tempos quando não tínhamos energia da rede nacional; naqueles tempos quando não tínhamos estrada asfaltada; naqueles tempos quando não tínhamos água na torneira; naqueles tempos. Naqueles tempos. E nessa altura, estaremos a viver nos tempos em que estaremos a construir. Nos tempos que teremos construído. Nos tempos em que as carências não se manifestam como hoje, porque a pobreza já não existe!

Por isso mesmo, nós devemos trabalhar para acabar com a pobreza. E nós somos capazes de lutar contra a pobreza. Vencer a pobreza. E daqui a tempos, anos... talvez dez, quinze anos, podemos falar da pobreza como História assim como hoje falamos do colonialismo como História. Assim como hoje falamos da guerra como História. Mas, para nós vencermos, para nós afastarmos a pobreza, além de termos convicção temos que ser trabalhadores! Temos que trabalhar! Nós aqui em Lalaua, temos exemplos maravilhosos daquilo que é o trabalho. As pessoas trabalham. Noite e dia trabalham. Produzem comida. Produzem aquilo que precisam. Sabem explorar o que tem a sua volta. Por isso, temos que continuar a trabalhar para podermos produzir ainda mais e descobrir e aproveitar aquilo que ainda não aproveitamos. Daqui a pouco falarei desse aspecto. Temos que trabalhar. Temos que ser capazes de trabalhar. Temos que ser capazes de acreditar que as transformações que nós temos que realizar dependem de nós da mesma maneira como passar de classe depende de nós, se nós estudamos ou não estudamos. Da mesma maneira como produzir na machamba depende de nós - cultivamos, semeamos, sachamos, e espantamos os pássaros até aquilo que nós produzimos crescer – depende de nós. E também para acabar com a pobreza, nós temos que ser nós a trabalhar. Temos que acreditar que somos nós que fazemos. Somos nós que fazemos!

Há pessoas que pensam que nós africanos nascemos para ser pobre. Que não podemos deixar de ser pobre. Que alguém nos condenou. Que havemos de ser pobre. Não é possível, não houve essa condenação. Este continente, este País, tem muita riqueza. Primeiro tem o seu povo, que é esse povo que derruba o colonialismo. É esse povo que acaba com a guerra. E isso é grande riqueza nossa. Esse povo é trabalhador, isso é grande riqueza. Esse povo, que consegue transformar as diferenças em fonte de unidade, em força, para combater o inimigo. Esse povo tem sorte. Não pode ser um povo

condenado esse! Esse é um povo grandioso. Esse é um povo maravilhoso. Esse é um povo capaz de mover montanhas por causa das suas convicções. Nós moçambicanos, somos esse povo!

Nós moçambicanos, somos capazes de mover aquilo que nos impede para alcançarmos os nossos objectivos. Mas além do povo que nós temos, que é um povo maravilhoso, um povo extraordinário, temos recursos. Uns no solo: pões uma coisa, nasce logo! Temos chuva. Temos rio. Temos árvores. Lá debaixo do solo, há metais que estão escondidos, à espera dos seus filhos, que vão para escola, vão aprender, vão ser dados os óculos especiais, através da ciência e da técnica, para poder descobrir e tirar para fora para poder ser utilizado pelos moçambicanos. Por isso, nós não estamos condenados a ser pobres não! Nós vamos vencer a pobreza!

Mas eu disse: pelo caminho, pelo caminho do combate a pobreza, para além daquilo que eu disse, há aquilo que chamamos obstáculos – não são poucos – que tentam fechar o caminho para nós não chegarmos lá onde há riquezas. Para nós não termos coragem de trabalhar até chegar lá onde estão as riquezas. Eu vou citar alguns deles só. Vocês podem citar muitos outros. A corrupção. A corrupção é um obstáculo! Um corrupto não tem pena de ninguém. Um corrupto pode vender a mãe. Pode vender o pai, por causa do dinheiro! Um corrupto não tem respeito por nada. Se lhe dão dinheiro para construir uma escola, ele mete no bolso! Se lhe dão dinheiro, para construir hospital, ele mete no bolso! Dinheiro do Estado. Dinheiro do povo. Ele mete no seu bolso pessoal. Bolso que não enche! Quanto mais dinheiro põe, mais dinheiro quer. Bolso furado. Ele vai pondo dinheiro. Bolso não enche. Um corrupto, não tem respeito pelo povo. Um corrupto arranca e rouba a riqueza do povo! (...) Não permite desenvolvimento. Está contra a pobreza. Um corrupto (...) pobre. Assim vai ter mais dinheiro. Por isso, temos que combater contra a corrupção. Temos que combater contra a corrupção. É um obstáculo esse!

Outro obstáculo que posso dar como exemplo é a indecisão. O deixa-andar. Não tomar as decisões oportunamente. Adiar decisões vendo o sofrimento do povo, sabendo que uma palavra sua resolveria o problema. Mas atrasa: **vem amanhã! vem amanhã! vem amanhã! vem amanhã!** E a pessoa doente. E a pessoa sem escola. E a pessoa sem registo. A pessoa sem licença – vem amanhã! Esses é que atrasam o nosso desenvolvimento. Por isso, temos que afastar esses obstáculos.

Um outro obstáculo que nós devemos combater – mas parece-me que esse obstáculo não existe muito em Lalaua – é recusar novas coisas. Recusar aprender novas coisas. Basta dizer, falar de uma coisa nova, fica zangado! Assim não é possível. Não é possível. Se alguém dizer que esta mangueira que dá manga, aquela manga pode ser utilizada para fazer marmelada, é jam, não é?...recusa, não acredita! Em vez de dizer mostra-me lá! Nada! E deixa a manga apodrecer, em vez de fazer marmelada que vai servir de pôr alguma coisa aí na mandioca ou na batata-doce para ficar muito bom e alimentar sobretudo as crianças. É preciso lutarmos contra isso. Quando alguém nos diz alguma coisa que nós não acreditamos, perguntamos mas como é que se faz?

SAUDAÇÃO À POPULAÇÃO DO POSTO ADMINISTRATIVO DE METI, DISTRITO DE LALAUUA - 2006

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoje!

(Hoje!)

Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoje!

(Hoje!)

Província de Nampula hoje!

(Hoje!)

Província de Nampula hoje!

(Hoje!)

Distrito de Lalauua hoje!

(Hoje!)

Distrito de Lalauua hoje!

(Hoje!)

Meti hoje!

(Hoje!)

Meti hoje!

(Hoje!)

Meti hoje!

(Hoje!)

Meti hoje!

(Hoje!)

Muito bom dia! (Bom dia! Palmas)

Eu ouvia dizer que Meti tinha muita gente. E também ouvia dizer que a gente de Meti trabalha muito. E também ouvia dizer que gente de Meti sabe dançar. E também que gente de Meti, do Posto Administrativo de Meti, sabe cantar. Eu estou aqui há menos de uma hora. Eu já vi isso tudo. Vi isso tudo e muito mais. Eu vi que a população de Meti é muito calorosa. É muito carinhosa. É muito generosa. Por isso, eu queria agradecer-vos. E agradecer-vos muito por esta amizade.

Nós, logo que chegamos aqui, depois de vos saudar, tivemos a oportunidade de inaugurar o posto e a maternidade de Meti. Como a nossa tradição manda, houve lá a nossa cerimónia tradicional. A importância desta cerimónia tradicional, é porque ela traz para todos nós as recordações do nosso passado. As recordações das nossas raízes. Lá de onde nós viemos, porque nós não nascemos hoje. Viemos de longe. Nós todos que estamos aqui, viemos dos nossos pais. Se os nossos pais não tivessem nascido – se um dos nossos pais não tivesse nascido – nós não havíamos de existir. Para nós existirmos, é porque tivemos um pai e tivemos uma mãe. Mas sobretudo porque tivemos aquele

pai e tivemos aquela mãe, então nós nascemos. São nossas raízes. Eles também têm suas raízes. O pai, também nasceu do seu pai e da sua mãe. A mãe, também nasceu do seu pai e da sua mãe. Nós temos sempre que lembrar isto. Que nós não nascemos hoje, nós viemos de longe. Nós temos raízes, tal como uma árvore, uma mangueira. Nós vemos, por fora ela frondosa. Mas para ela ficar em pé, para ela manter-se em pé, deve estar bem agarrada à terra. E o que agarra bem a terra, são as raízes. Nós também temos raízes. Raízes que agarraram bem o nosso passado e que alimentam o nosso espírito e que nos dão força!

Eu vou lembrar mais outra coisa. Esta terra que nós temos, esta terra de Meti que nós temos, com bons solos, com muitas árvores, foi-nos deixada! Herdamos. Recebemos. Recebemos de quem? Dos nossos pais. Não foi isso? E os nossos pais também receberam. Eles receberam de quem? Dos nossos avós! E os nossos avós também receberam. Receberam de quem? Dos avós dos nossos pais! Eles é que nos deram isto! Mas deram-nos mais. Deram-nos a língua. Deram-nos o costume. Deram-nos a dança. Deram-nos as canções. Isto tudo mostra que nós temos um passado. Que nós temos uma raiz. Por isso, é nossa obrigação valorizar aquilo que deixaram para nós os nossos antepassados! E Meti está exactamente a fazer isso. Está a pôr a terra a produzir. Está a tirar a riqueza que tem a terra. Está a alimentar-nos, para alimentar aqueles que receberam a terra. Para alimentar os Moçambicanos!

Nós quando chegamos no Centro de Saúde, primeiro começamos com essa cerimónia. Trazer os nossos antepassados. E juntar os nossos antepassados aqui em Meti com os nossos antepassados de todo o País, porque é a unidade que nos dá a força. E nós, Moçambicanos, somos fortes porque estamos unidos desde o Rovuma até ao Maputo, passando por Lalaua; passando por Meti; passando também por Malema; passando também por Ribáue; passando também por Nipepe; passando também por Namuno. Isso tudo, é riqueza do nosso Moçambique. E nós ficamos a valorizar!

Eu queria saudar a população de Meti pela contribuição que faz na luta contra a pobreza. Produz comida. Produz muita comida. Produz muitíssima comida. Essa comida, serve para alimentar Moçambique. Quando vocês comem, está comer Moçambique. E aquilo que não comem e vendem, é para alimentar Moçambique. Vocês estão a ter uma grande contribuição no nosso país. Mas mesmo assim, Mesmo com comida, ainda temos uma batalha a fazer: a pobreza não acabou!

Hoje tivemos oportunidade de inaugurar o Centro Médico, o Centro de Saúde. Isso quer dizer que a população desta zona vai ser assistida aqui mesmo. Mas, nós sabemos que isso não é suficiente, porque nós precisamos de melhores condições ainda. Meti resolveu uma parte: tem posto de saúde! Meti resolveu outra parte ainda: tem escola! Isso é muito bom! Meti-sede resolveu outro problema: tem um furo de água! Isso é muito bom!

Mas, as doenças são muitas. As pessoas são muitas. Aquele hospital vai resolver a parte de alguns. Ainda haverá pessoas que não poderão ir ao hospital. Mas as crianças são muitas e as crianças de Meti estudam muito. Aquele escola que está ali, não vai resolver o problema de todas as nossas crianças. Mas as pessoas são muitas, um poço de água não resolve todos os problemas. Por isso mesmo, um poço de água não vai resolver o problema de todas as populações. Mas aquilo que aqui está, já mostra o passo que estamos a dar. Que já temos um pouco mais de assistência na saúde. Que já temos um bocadinho mais de escola. Que já temos um bocadinho de água limpa. Mas também mostra os desafios que nós temos. Que temos que fazer mais para acabar com a pobreza. Temos que fazer muito mais para acabar com a pobreza. E a pobreza é

um bicho que está em todo o país. Em todo Moçambique: em Nampula. Em Maputo. Na Beira. Em Pemba. Em Malema. Em Ribáue. Em Quelimane. Em toda parte há Moçambicanos que tem falta de coisas básicas para sua vida. Por isso mesmo, nós dizemos que estamos a combater contra a pobreza. E combater contra a pobreza – dar uma machadada a pobreza – é inaugurar um hospital, um centro de saúde. Mas isso não acaba com a pobreza. Aqui nós ainda não temos energia. Já tem? **(Não!)**

Não é necessário?

Aqui ainda não tem telefone....Não temos. Ainda falta, não é? Ainda há pobreza, portanto! Ainda há pobreza! Mas não é possível trazer tudo de uma vez. Malema ficou muito tempo sem energia eléctrica. Ribáue ficou muito tempo sem telefone. Mas o vosso Governo, preocupado com o povo, conseguiu fazer chegar lá essas coisas que são importantes para o nosso Povo. Por isso, o vosso Governo também sabe que no distrito de Lalaua essas coisas ainda não chegaram: **Vakhani vakhani (pouco a pouco)! (Palmas)**

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Temos que ter paciência e esperar. Esse hospital aqui, foi paciência de esperar. A água, foi paciência de esperar. Por isso, com a paciência nossa e com o nosso trabalho como Meti trabalha e produz, isto vai fazer com que nós possamos ter mais coisas!

Eu queria aproveitar esta oportunidade para conhecerem alguns dos dirigentes deste país. Aqueles que quando pensam, pensam é do Rovuma até ao Maputo! Aqueles que sabem apreciar quando Meti produz muito. E aqueles que compreendem que o Posto de Saúde não resolveu todos os problemas. Resolveu grande problema, mas não resolveu todo o problema. Que é preciso continuarmos a trabalhar. Aqueles que compreendem que devemos continuar a melhorar as condições de vida do nosso Povo. E que sabem que tudo para se fazer com sucesso tem que ser **Vakhani vakhani!** Não pode ser com muita pressa, senão não vai ver os obstáculos no caminho. Se quiser atravessar o rio de repente, sem olhar bem – se estiver naquelas zonas onde tem crocodilo – o crocodilo vai pegar! Vai ser carne de crocodilo, por causa de pressa! **Vakhani vakhani!** Chegar, olhar de um lado e olhar para o outro lado. Andar passos seguros. E nós estamos a dar passos seguros!

Vou apresentar os companheiros que estão comigo!

(seguem-se as apresentações)

Existem pessoas de muitas tribos, mas são Moçambicanos todos. Existem pessoas de muitas raças, e são Moçambicanos. É esta unidade, que nos dá força! Hoje pode parecer que foi fácil chegarmos onde nós estamos. Mas no passado, nos anos 50 por exemplo, até nos anos 60, os moçambicanos não se conheciam. Quando falasse língua diferente, logo se afastavam. Quando viessem de zonas diferentes, logo se afastavam. Quem ganhava com isso era o colono que dominava todo o Moçambique. Por isso, as nossas lutas pela libertação – como cada um lutava do seu lado – não tiveram resultado. Fomos derrotados, até que apareceu Eduardo Mondlane. Eduardo Mondlane foi pessoa como nós. Ele apascentava cabritos quando era criança. Ele andava muitos milímetros para chegar a escola. Ele andava descalço. Mas, decidiu que devia estudar, já como uma pessoa crescida. E começou a estudar. Estudou muito. Os colonos quando viram que ele estava a estudar muito, não facilitaram que ele entrasse nas escolas aqui em Moçambique. Então, ele teve que ir para África do Sul para continuar a estudar.

Na África do Sul entrou na Universidade. Mas como ele gostava muito da África e não aceitava ser dominado por estrangeiros, na África do Sul foi expulso e ele teve que voltar para Moçambique, sem poder estudar! Mas ele queria estudar muito. Era uma pessoa com muita força de vontade. Quando queria uma coisa, lutava por ela. Então, conseguiu lugar para ir até Portugal estudar. Mas em Portugal as coisas não se deram bem. Então, foi para os Estados Unidos e ali completou os cursos até chegar a doutor, com grande conhecimento do mundo! E quando chegou lá no alto, já era professor da Universidade, ele disse: Eu vou voltar para Moçambique! Eu vou voltar para Moçambique! E voltou!

E então, foi fazer a Frelimo. Foi formar a Frelimo. E disse aos Moçambicanos: Nós não vamos vencer o colonialismo se continuarmos divididos. Para nós podermos vencer, para nós vencermos o colonialismo, temos que estar unidos! E as nossas línguas, as nossas danças, as nossas tradições que são diferentes, que são distintas umas das outras – são uma fonte de riqueza. São uma força que devemos juntar para lutar contra o colonialismo. E de facto, Eduardo Mondlane depois de unir o povo, em pouco tempo o colonialismo acabou, por causa da unidade. Por causa da unidade! Por isso, a unidade é mais fundamental. As nossas línguas várias, diferentes, muitas, são uma riqueza nossa. As nossas danças diferentes, são uma riqueza nossa e nós devemos juntar isso. Reforçar a nossa unidade para vencer as grandes batalhas. É por causa da nossa unidade, que nos foi ensinada por Mondlane, que vencemos o colonialismo! É por causa da nossa unidade, que acabou a guerra aqui em Moçambique! E é por causa da nossa unidade – através da nossa unidade – que nós vamos acabar com a pobreza. Que nós vamos fazer o nosso país avançar mais rapidamente, porque estamos independentes. Porque estamos em Paz. Em Paz. E utilizamos essa Independência, essa Paz, para acabar com a pobreza!

Moçambique hoye!

(Hoye!)

De uma maneira geral, eu costumo nessas reuniões pedir que os cidadãos falem. Mas como sabem, os helicópteros chegaram tarde porque o tempo lá em cima não estava bom. Então, era preciso esperar o tempo acalmar para podermos vir e isso não deu muito tempo. Até porque agora mesmo, daqui onde nós estamos, vamos ter reunião com o Conselho Consultivo, que são aqueles que estão na vanguarda aqui no Posto administrativo na luta contra a pobreza. Nós vamos ter uma reunião com eles. Os problemas que têm. As vossas preocupações. Eles vão nos transmitir. E se houver respostas, eles depois hão-de vos vir transmitir. De uma maneira geral, a gente costuma ouvir os dois, mas por causa do tempo que é pouco não é possível. Eu peço a vossa compreensão!

Meti hoye!

(Hoye!)

Lalana hoye!

(Hoye!)

Povo Moçambicano hoye!

(Hoye!)

Kinachukuro!

COMÍCIO NA CIDADE DE NACALA-PORTO, PROVÍNCIA DE NAMPULA. 3 DE MAIO DE 2007

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Província de Nampula hoje!

(Hoje!)

Província de Nampula hoje!

(Hoje!)

Nacala hoje!

(Hoje!)

Nacala hoje!

(Hoje!)

Nacala hoje!

(Hoje!)

Nacala hoje!

(Hoje!)

Muito bom dia Nacala!

(Bom dia! Palmas)

Para mim é um prazer especial, muito especial mesmo estar aqui nesta bela terra de Nacala. Terra de gente alegre. Terra de gente trabalhadora. Terra de gente que quer combater a pobreza. Terra de gente que está a combater a pobreza. Por isso, sentimos muito, muito satisfeitos por nos encontrarmos entre vós. E tomamos este momento como uma oportunidade para nós também aprendermos. Aprendermos das experiências de Nacala. E fazendo Nacala parte da grande família moçambicana podemos assim impulsionar o desenvolvimento, não apenas de Nacala mas também do resto do país. Queria assim começar por agradecer a vossa simpatia, o vosso carinho, o vosso amor. Agradecer a oportunidade que tivemos aqui de assistir alguns números da nossa rica cultura. E em particular agradecermos as orações que aqui foram feitas tanto pela Igreja Católica – pelo senhor Bispo – assim como pela religião muçulmana – pelo **chehe**. As orações são um forte apoio para iluminar o nosso caminho. Porque todos nós moçambicanos estamos na mesma estrada e estamos a caminhar para um lugar onde a pobreza deixará de existir. E sabemos que no caminho há muitos obstáculos e nós queremos vencer esses obstáculos. Nós queremos avançar para além desses obstáculos. Nós queremos chegar lá onde a pobreza já não exista. E para podermos conseguir isso tudo precisamos de ver claramente o nosso caminho. Precisamos de ver mesmo quando haja trevas, para chegarmos seguros todos nós lá onde nós queremos. Assim agradeço as preces, as orações que aqui foram feitas para esse efeito.

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Eu trago duas mensagens. Mas também tenho que receber as vossas mensagens. As minhas mensagens vêm do coração. São uma preocupação constante. É a maneira minha de ver algumas questões centrais do nosso país. Eu espero que vão escutar

com toda a atenção. Depois de escutarem as minhas duas mensagens eu também vou me sentar para ouvir as vossas mensagens. Eu acredito que as vossas mensagens também saem do coração. São preocupações profundas que têm e que querem partilhar connosco. Assim nós também estaremos muito atentos a ouvir as vossas mensagens. As nossas mensagens todas podem contribuir para resolver o problema comum que os moçambicanos enfrentam. Para abater o inimigo comum que os moçambicanos têm pela frente. E o inimigo comum que nós todos temos, o problema comum que nós todos temos é a pobreza. Mas antes de apresentar as minhas mensagens, quero agradecer ofertas que aqui fizeram, algumas das quais me confiam para eu entregar a minha esposa. Muitíssimo obrigado. Muitíssimo obrigado! **(Palmas)**

Agora, vou apresentar-vos a minha delegação, para depois ir apresentando as minhas duas mensagens.

(seguem-se as apresentações)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

As minhas duas mensagens: Este ano nós temos eleições provinciais. No próximo ano nós temos eleições autárquicas e no ano seguinte nós temos eleições gerais. As eleições são fundamentais. Tem por objectivo o povo fazer uma escolha. Escolher o seu futuro nos próximos 5 anos. Mas escolhe o seu futuro através daquelas pessoas, daquelas forças políticas que acreditam que podem realizar esse futuro. Por isso é fundamental que os moçambicanos adultos com mais de 18 anos possam escolher, possam participar nas eleições.

Participar nas eleições é escolher o futuro que nós queremos através das pessoas que nós pensamos que vão realizar o programa que nós queremos. Por isso mesmo é fundamental, dizia eu, que os adultos participem na votação. Mas para participar na votação é preciso que as pessoas tenham cartão de eleitor. Sem cartão de eleitor nada vai acontecer. É fundamental que todos os adultos tenham cartão de eleitor. Os cartões de eleitor que nós temos hoje já não vão servir possivelmente no futuro. Por isso, vai se fazer um recenseamento de raiz. Recenseamento eleitoral de raiz neste ano. Esse recenseamento é para permitir que todos os moçambicanos naquela idade possam obter um cartão de eleitor.

Eu queria aconselhar a todos moçambicanos, aliás, apelar a todos os moçambicanos que tem idade de votar para recensear-se para obter o cartão de eleitor. Nós votamos no passado mesmo durante as eleições de 2004. Há muita gente que não votou. Pessoas adultas não votaram e nós perguntamo-nos porquê? Alguns apressadamente procuraram dar a resposta. Mas nós continuamos a estudar porquê? E observamos algumas coisas: Uma delas é que há muitos adultos que participam nas campanhas mas que não tem cartão de eleitor: dançam, dançam, discursam apelando as pessoas para poderem participar nas eleições, mas eles próprios não tem cartão de eleitor. Isto é que explica em grande parte o facto de muitos moçambicanos não terem participado nas eleições passadas. Não é a única razão naturalmente, mas é uma razão forte. Há certos lugares que nós investigamos e descobrimos que num certo ponto 40% das pessoas não tinham cartão de eleitor. E porquê é que não tem cartão de eleitor? Há muitas

explicações que podemos encontrar. Uma delas é preguiça. Quando chega o momento de recensear-se adoptam o deixa-andar: **“eu vou amanhã”**. Passa o amanhã e **“vou depois de amanhã”** e nunca chegam a ir lá, porque acham que estão a fazer coisas que acham que são mais importantes que criar condições para votar. Aliás nós notamos muitas vezes quando temos esse tipo de encontros que as pessoas deixam para outro dia. É o espírito de deixa-andar que está a dominar a cabeça da pessoa. Está a dominar o comportamento da pessoa. E por causa do deixa-andar está a perder a possibilidade de votar. Há outra razão. Há outra razão: há pessoas que perderam porque estão em zonas de calamidades. E as calamidades por exemplo as cheias arrastaram, tudo para o mar incluindo o cartão de eleitor. E não foram renovar. Só se lembraram do cartão quando viram que as eleições estavam próximas e já era tarde. Não puderam votar. Por isso nós apelamos aos cidadãos moçambicanos para recensear-se para poder votar. E não se esqueçam: a votação deste ano vai ser feita em um dia somente. O Chico-deixa-andar não aguenta. Porque não há amanhã. Quando são dois dias pode dizer que não vou votar hoje, vou votar amanhã. Mas quando é um dia só, tem que ser naquele dia. Todos os moçambicanos naquele lugar do voto para poder escolher o seu futuro, através de pessoas que acreditam que podem realizar os seus objectivos. Esta é a primeira preocupação que queria apresentar. A necessidade de todos nós participarmos no recenseamento; de todos nós ficarmos com cartão de eleitor e de todos nós naquele único dia podermos escolher o futuro que nós queremos. O futuro que queremos para nós mesmos. O futuro que nós queremos os nossos familiares, os nossos entes queridos; o futuro que nós queremos para os nossos vizinhos; em suma o futuro que nós queremos para este maravilhoso povo moçambicano.

A segunda mensagem. A nossa batalha comum é a pobreza, aliás, é combater a pobreza. Há pessoas que pensam que não são pobres, sendo moçambicanos. Pensam que não são pobre porque tem uma boa casa, com geleira e televisão; pensam que não são pobres porque tem um carro – como se diz hoje, um four by four: quando quer viajar viaja de four by four; e concluem que não são pobres! Os pobres são os outros! Engano! Engano! Engano!

Primeiro, não é bom ser rico sozinho. Segundo, não é bom ter comida sozinho. Ninguém pode ficar feliz assim. Eu estou a comer e a minha volta toda a gente a olhar com barriga vazia. Não é boa coisa essa. Eu ando de carro e vejo os outros a andar a pé. Não é boa coisa. Primeiro lugar é uma questão moral. Nós não podemos sentirmo-nos satisfeitos porque temos mais do que os outros e os outros não tem nada. Mais há um outro aspecto. É que se nós formos a nossa casa, a casa onde nascemos havemos de ver que a maior parte de nós só um é que tem carro. Só um é que tem casa bonita. Os outros não têm casa bonita. Só um é que tem o quer, os irmãos dos pais não tem isso. Isso mostra que somos pobres. Isso mostra que somos pobres. E mesmo em nossa casa não temos aquilo que nós queremos. Mas ainda há outra coisa: afinal o que é pobreza? É não ter aquilo que precisamos para uma vida normal. Quando nós não temos casa, é pobreza. Quando nós não temos escola, é pobreza. Quando nós temos escola, mas não temos as classes que nós precisamos para fazermos os cursos que nós queremos, é pobreza. Quando nós não temos hospital, somos pobres. E quando temos hospital, mas esse hospital não podemos ter todas as operações, todo o tratamento que nós precisamos, somos pobres. Isto é, mesmo que nós aparentemente sejamos ricos, nós não podemos encontrar a um passo de nós aquilo que nós queremos, mesmo com dinheiro, para resolvermos os nossos problemas. É por isso que quando vemos uma pessoa doente aqui em Nacala, com muita dificuldade tem que ir a Nampula – é pobreza essa. E chega a Nampula, não pode tratar-se e tem que ir a Maputo. É sinal de

pobreza esse. E então nós temos que compreender que somos pobres até podemos ter todos os cuidados perto de nós.

Também é pobreza não ter energia. Também é pobreza não ter telefone. Alguns pensam que não são pobres, mas o facto de não ter energia toda a população nossa ai nos arredores mostra que nós somos pobres. Só alguns é que podem chegar a casa e ligar a luz. Os outros ainda vivem de **xipheto**. Ainda vivem daqueles candeeiros que a noite não permitem ver bem. Mas estão numa cidade onde há energia. Isso mostra que nós somos colectivamente pobres.

Ou então telefone. Não podemos ter telefone. Nem toda a gente tem telefone. Eu quero comunicar com meu grande amigo. Eu tenho telefone e ele não tem telefone. Eu tenho que andar até onde ele está. Isso mostra a pobreza que nós temos. Por isso meus irmãos, a pobreza é o inimigo comum dos moçambicanos e a massa que nós estamos a fazer visa ultrapassar os problemas da pobreza, pouco a pouco, mas seguramente para que cada vez mais os moçambicanos puderem ter acesso a aquilo que eles precisam para viver normalmente. Puderem ter acesso aquilo que eles precisam para viver normalmente.

Por isso mesmo, que o Governo da Frelimo, o Governo da República de Moçambique elegeu a pobreza como o seu principal alvo a abater. E também decidiu outra coisa: que para poder combater é fundamental que a nossa atenção esteja no distrito, no campo. É lá onde está a maioria da nossa população. É lá onde estão muitos recursos, água, terra rica, machambas, calcário... aqui em Nacala aqui onde estamos há muito calcário. Em parte é por isso que existem duas fábricas de cimento. É no campo onde existe isso. É no campo onde existe coisas maravilhosas. O nosso povo, o nosso povo trabalhador, o maravilhoso povo moçambicano a maioria encontra-se no campo.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

O nosso governo elegeu a luta contra a pobreza como questão central. E depois o nosso governo considerou que a luta contra a pobreza deve centrar-se no campo para permitir que no campo haja cada vez mais acesso aos enormes recursos que existem no nosso país. Mas dentro dos distritos, falo do distrito rural – onde nalguns casos como no caso de Nacala há parte do distrito municipal. Eu estou a concentrar a minha intervenção no distrito rural onde Nacala é. E no distrito para poder se resolver os problemas criou-se o Conselho Consultivo Distrital. É um grupo de cidadãos que vem das aldeias, que tem prestígio nas aldeias, sejam eles líderes comunitários, shehes, pastores, professores, tudo isso... padres, que tem influencia na sociedade que são escolhidos para poder ajudar o administrador a lutar contra a pobreza. Ajudam indicando como é que se manifesta a pobreza nas regiões de onde vêm. Ajudam propondo linhas de acção para lutar contra a pobreza. Luta contra a pobreza. Distrito. O instrumento-mecanismo é o Conselho Consultivo Distrital. Então o governo tirou sete biliões de meticais da velha família para cada distrito para apoiar este Conselho Consultivo. Este Conselho Consultivo é que decide como é que se utiliza este dinheiro. E os sete milhões são para resolver duas coisas: uma, aumentar emprego. Nós temos muitos jovens no campo – mesmo aqui temos – que estão em idade de trabalhar mas estão desempregados. Ajudar a resolver o problema de aumentar emprego. Porque quem tem emprego, tem recursos para comprar comida, comprar livros na escola, para resolver os seus

problemas. E também é outra preocupação ter certeza que aquele dinheiro é usado para a produção de comida. Comida e trabalho. No caso de comida, a importância é muito grande. Porque se houver muita comida, nas cidades os nossos trabalhadores não vão tirar muito dinheiro para comer, mas hoje tem que tirar muito dinheiro para comer. Significa que poupam dinheiro para outras coisas, como transporte e outras coisas que as pessoas precisam. É por isso que nós decidimos que aqueles sete milhões são para comida e trabalho.

E como é que se faz? Como é que se faz? O Conselho Consultivo tem que ser forte. Tem que ser constituído por pessoas da confiança da comunidade. Os membros do Conselho Consultivo devem conhecer as pessoas; devem saber quem são os preguiçosos, quem são os trabalhadores; quem tem vontade trabalhar... Por isso mesmo, com aquele dinheiro, aparece alguém que pede para ser financiado uma operação de aumentar a sua machamba. Ele quer aumentar a sua machamba e diz **“eu não tenho cabeças, não tenho tracção animal. Eu não tenho charruas. Eu preciso de dinheiro. Com esse dinheiro eu vou comprar charruas, vou comprar bois. Com esse dinheiro eu vou fazer 4 hectares em vez de 2 hectares ou em vez de 1 hectare. Com esses 4 hectares eu vou empregar mais 3 jovens para poderem me ajudar a trabalhar na machamba”**.

Isso quer dizer que uma pessoa que produz hoje num hectare passa a produzir em 4 hectares. Aumenta a produção de comida. Uma pessoa que hoje trabalha com base na família passa a trabalhar. Reduz o desemprego. E então neste caso esta pessoa apresenta a proposta ao Conselho consultivo através do administrador naturalmente. E o Conselho Consultivo como conhece toda a gente vai procurar saber se aquela pessoa é séria ou não. Se é uma essa pessoa trabalha. Se cumpre com as suas promessas. E se concluírem que é assim, então fazem uma resolução na reunião – os membros do Conselho Consultivo – em que dizem que emprestam dinheiro ao senhor Mussa tanto dinheiro para poder comprar uma junta de bois com as alfaías agrícolas e que ele promete que vai dar mais emprego para as pessoas e ele promete também que vai produzir mais comida e que ele vai pagar. Ele vai pagar. Não é dinheiro de graça. Não se dá dinheiro. Já viram alguém na rua tirar dinheiro e dar? Dinheiro não se dá. E esse dinheiro é muito mais, não se pode dar mesmo. É dinheiro dos nossos impostos. É o dinheiro que nós pagamos dos nossos impostos. Não se pode dar. Só se pode emprestar. E ele tem que prometer quando é que vai pagar este dinheiro. E depois de nós acreditarmos que de facto vai fazer isso, ele é emprestado dinheiro. E ele fica com o dinheiro e vão alguns membros do Conselho Consultivo verificar se ele comprou aqueles instrumentos. E vão ver se ele está a trabalhar na machamba. E vão ver se ele está a empregar mais gente. É isso que nós queremos. Depois de pagar, depois de devolver o dinheiro, esse dinheiro vai para outra pessoa que vai fazer a mesma coisa. Assim a pobreza vai acabar pouco a pouco. **Vakhani, vakhani** mas seguramente!

Hoje é aqui, amanhã é ali e depois é ali. Em vez de ficarmos de braços cruzados sem saber quando é que a sorte nos vai cair. Quando é que a sorte vai chegar. Porque a sorte não chega. A sorte nunca vem. A sorte vai se buscar. A sorte vai se buscar. A sorte está ali longe ali. Quem quer sorte deve ir para lá agarrar a sorte. Se não for para lá há-de ficar com azar. Depois há-de ficar a dizer **“eu tenho azar, eu tenho azar”**. É porque não procurou a sorte. Não foi buscar a sorte. A Independência que nós temos não é sorte. Compreendem? Foi preciso batalhar com trabalho: ir buscar. É a grande vantagem dos moçambicanos. É a grande vantagem dos moçambicanos. Também para acabarmos com a pobreza devemos ir buscar a sorte e a pobreza há-de ir acabando **vakhani, vakhani** até em Moçambique não haver mais pobreza. Eu acredito que nós

vamos acabar a pobreza. Eu acredito que esse país haveria um dia em que as pessoas vão acordar de manhã sem ter que se pensar se vão ter pequeno-almoço ou não. Eu acredito que chegará o dia em que os moçambicanos vão acordar de manhã sem ter medo de ficar doente porque não sabem se vão ter tratamento. Eu acredito que nós vamos acabar a pobreza. Aliás, estamos a ver sinais:

Hoje temos mais energia do que ontem;

Hoje temos mais telefone do que ontem;

Hoje temos mais escola do que ontem;

Hoje temos mais universidade do que ontem;

Hoje temos mais hospital do que ontem;

Isso é sinal de que as coisas estão a mudar. Temos que fazer mudar mais rapidamente criando condições para que o nosso povo possa ter emprego, possa trabalhar mais, produzindo mais comida, trabalhando onde possa ter vencimento. E isso é que vai resolver os nossos problemas.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Este é que é o nosso objectivo. Eu acredito que nós podemos e vamos acabar com a pobreza. Talvez não acabemos nos próximos 5 anos. Talvez não acabemos nos próximos 10 anos. Mas o importante é que amanhã sejamos menos pobres que hoje. O importante é que depois de amanhã tenhamos mais recursos que amanhã.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Estas são as mensagens que me preocupavam para apresentar: Vamos votar. Em segundo lugar, vamos combater a pobreza. Mas para combater a pobreza com sucesso, temos que fazer com muita transparência através da participação de todos os órgãos. E neste caso, através da participação dos Conselhos Consultivos que devem tomar parte na decisão. E a decisão deve estar registada. E as pessoas que recebem o dinheiro devem pagar, quer sejam associações, quer sejam individuais. Cada um estimula a economia naquele local onde este dinheiro é aplicado.

Queria agora, queria agora....

(há ruído que afecta o decorrer do comício)

Moçambique hoye! (Hoye!)

É pobreza! (Palmas)

Queria agora ouvir as vossas mensagens. Eu vou pedir oito cidadãos para virem aqui também transmitir as suas mensagens, os seus conselhos, os caminhos que acham que são os mais correctos para ajudar a resolver este problema que é comum. Obrigado.

(seguem-se as intervenções dos cidadãos)

Eu queria primeiro agradecer sinceramente as contribuições que foram dadas aqui como mensagens vossas. São contribuições que notam que há muito trabalho que foi feito, mas que também notam que ainda temos que fazer para responder a aquilo que são as expectativas justas e legítimas do nosso povo. Nas questões que foram apresentadas notamos que algumas são de carácter pessoal, mas que foi bom que foram apresentadas aqui, porque mostram o nível de desespero que as pessoas têm quando o seu problema pessoal não é resolvido. Por exemplo, temos o problema de dois desmobilizados. Temos problema de antigos trabalhadores – esses não são assim tão pessoais. Os meus conselheiros estão a falar com eles para perceber o que é que se passa. E naturalmente vão receber resposta. O cidadão moçambicano quando apresenta uma questão tem que receber resposta. Mesmo que seja negativa, tem que receber resposta.

As outras questões que foram colocadas têm a ver com a situação de segurança, em relação particularmente a situação de marginalidade e as propostas para que haja mais recursos para a nossa polícia, assim como para os nossos bombeiros. A outra ainda tem relação com o hospital e com o apoio que se deve dar aos médicos em transporte. Nós registamos.

Ainda há mais outras duas. Uma que diz que quando há aumento de vencimento - o salário, em escala diferente também aumenta o preço no mercado. E queriam apelar para que houvesse um controlo sobre isso. Nós registamos essa preocupação. Apesar de haver muitos comerciantes que trabalham de forma honesta, há outros que querem o lucro fácil. E o resultado é que eles perdem a confiança dos seus confiantes e prejudicam a vida dos seus irmãos, de muitos moçambicanos.

A outra questão tem a ver com pessoas de origem asiática que fazem trabalho em Moçambique. Este aspecto é um aspecto muito sensível, sobretudo tendo em conta os argumentos que são usados. O argumento que é usado é que eles ocupam o lugar dos moçambicanos nos negócios, etc. Mas nós aqui o essencial não é estar contra as pessoas que não sejam de origem moçambicana e que estejam a fazer o seu negócio. Porque se ele faz negócio quer dizer que há mercado. Mercado de que nós não tivemos consciência antes de ele estar lá. E seja como for, estando ele onde está, ele não ocupa todo o mercado. Ainda há muita gente que quer comprar e vender coisas. Por isso, devemos ter uma atitude mais positiva e nós também desenvolvermos a nossa actividade para poder cobrir com aquilo que resta do mercado. Eu tenho a certeza que mesmo nós todos aqui se nos transformássemos em gente de negócio, pessoas de negócios, não havíamos de cobrir as necessidades de negócio aqui em Nacala. Nós não ganhamos muito lutando uns contra os outros. E não se esqueçam de uma coisa: aqui em Moçambique há estrangeiros, mas também moçambicanos são estrangeiros em muitos países. A volta de África é possível que tenhamos dois milhões a três milhões de moçambicanos como estrangeiros. E nós não queremos que sejam maltratados lá. Nós queremos que eles tenham direito ao trabalho, nós queremos que eles possam desenvolver os negócios e possam trabalhar como qualquer outra pessoa.

Se eu fosse jovem, perante o facto de não ter negócios e havendo outras pessoas moçambicanas ou não a terem negócios, eu consideraria isso um desafio e havia de batalhar também para estabelecer meu negócio. Nós falamos da situação dos sete milhões. Os sete milhões são para aqueles que vivem aqui, sendo moçambicanos, e que mostrando que tem capacidade empresarial – de ser empresário. Desenvolvam a vossa capacidade empresarial. Não vão conseguir ter todos os sete milhões de uma vez, mas há uma forte possibilidade poder resolver problemas e ambições que moçambicanos tenham – moçambicanos que vivem em Nacala e que queiram desenvolver negócios.

Nós falamos de duas mensagens e as mensagens que vieram em terceiro lugar mostram que estamos todos em sintonia. A nossa mensagem tem a ver com o recenseamento. O recenseamento para ser bem-sucedido exige que haja colaboração de todos e de todas instituições, aqui na cidade e no distrito. Falamos também da pobreza e das maneiras de combatermos contra a pobreza. De novo isso exige a colaboração de todas as instituições. O importante é que todas as instituições compreendam que elas existem para servir o cidadão. Para tornar mais produtiva a vida do cidadão. Por isso a colaboração entre todos é uma contribuição para melhorar vida do cidadão moçambicano que aqui se encontra.

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Povo moçambicano unido do Rovuma ao Maputo hoje!

(Hoye!)

Província de Nampula hoje!

(Hoye!)

Nacala hoje!

(Hoye!)

Nacala hoje! (Hoye!)

Nacala hoje! (Hoye!)

Muito obrigado! (Palmas)

COMÍCIO DE RIBÁUE – 5 DE MAIO DE 2007

...Para participar neste encontro. Tenho conhecimento que pelo menos Malema e Lalaua se encontram conosco. Eu saúdo o nosso Povo aqui pela forma muito entusiástica, muito amiga, muito carinhosa como nos receberam. E também pela maneira como mostraram ou como mostram as suas actividades culturais: as danças profundamente moçambicanas; as canções com conteúdo moçambicano. Tudo isso transmitindo a mensagem de que os moçambicanos vão acabar com o seu inimigo. E o inimigo dos moçambicanos é a pobreza. A pobreza que ainda existe entre o Rovuma e o Maputo.

Há vezes que algumas pessoas pensam que não há pobres em Moçambique. E concluem isso porque vêem que essas pessoas parecem ter uma boa viatura, um telefone celular e a viver numa bonita casa. Estas coisas, estes artigos são uma ilusão. Mostram de forma deformada uma situação que não é vulgar em Moçambique. Nós temos cerca de 20 milhões de moçambicanos em todo o nosso território. E apesar de muita coisa ter melhorado; apesar de haver muitos lugares onde há telefone; apesar de haver muitos lugares onde há energia eléctrica; apesar de haver alguns cidadãos que têm viaturas; apesar de haver lugares onde há escolas, o facto é que isso tudo não consegue estar ao serviço de todos os moçambicanos. Ainda existem muitos moçambicanos – de facto a maioria dos moçambicanos – que ainda não tem acesso a estes bens fundamentais na vida de uma pessoa.

É por isso, que a pobreza é o nosso inimigo comum em Moçambique. E todos nós devemos trabalhar para que a qualquer moçambicano não haja falta de acesso daquilo que é fundamental para a sua vida. Felizmente, os moçambicanos compreendem. Felizmente, e colectivamente, os moçambicanos batalham para acabar com a pobreza.

Felizmente, agora já existem muitos moçambicanos que acreditam que a pobreza vai acabar. Que a pobreza vai ser vencida. Que acreditam mesmo, porque houve tempo em que as pessoas diziam: nós não podemos sair da pobreza, porque os nossos pais nasceram pobres; antes deles os nossos avós nasceram pobres; nós nascemos pobres; os nossos filhos nasceram pobres; por isso não é possível acabar com a pobreza. Mas os moçambicanos já venceram isso. Já venceram essa maneira errada de ver as coisas, porque também fazendo outra comparação: nós todos no passado tínhamos nascido colonizados: vivíamos na nossa terra, mas éramos governados por pessoas de fora; e nasceram gerações e gerações de moçambicanos dessa maneira. Sempre colonizados, colonizados, colonizados. Mas, os moçambicanos certo dia disseram: Não! Basta! Vamos mudar o rumo da nossa história. Vamos pegar pelas nossas mãos o volante da nossa história dos moçambicanos. Não vamos somente sofrer pressões da história. Vamos fazer história. E a partir deste momento, os moçambicanos começaram a lutar de maneira coerente contra a dominação estrangeira e descobrimos qual era a nossa fraqueza anterior: que nós andávamos entretidos com pequenas divisões – que esse é dessa tribo; que esse é alto; que esse é claro... São pequenas coisas. Pequenas coisas importantes. Não são importantes como problema. Não são importantes como dificuldades. São diferenças. São diferenças que enriquecem o nosso património. Quando se diz que Moçambique o que é? Moçambique é um território onde se fala muitas línguas. Língua é riqueza!

Quando se diz Moçambique o que é? Moçambique é onde se dança de maneira diferente. Essas maneiras diferentes são riqueza nossa, de todos moçambicanos.

Quando se diz que Moçambique o que é? Moçambique é um território, é um país onde há muitas tradições: uns a falar com os seus antepassados utilizam a farinha. Outros para falarem com os seus antepassados utilizam outras maneiras. E todas essas diferenças são uma riqueza para nós quando utilizadas para um mesmo objectivo tornam-nos imbatíveis, invencíveis, nada nos pode derrotar... e nós temos esta experiência: porque ficamos unidos, valorizamos positivamente as nossas diferenças e utilizamos como arma contra o inimigo comum, o colonialismo acabou!

E depois tivemos a guerra: problemas muito grandes! Mas no dia que compreendemos que podemos de novo ir buscar aquela nossa arma, a arma mágica que é a unidade, e valorizar as nossas diferenças, usar as nossas diferenças como arma para o nosso objectivo comum, a guerra acabou em Moçambique e hoje estamos em paz! Por isso meus irmãos e minhas irmãs, eu acredito que se vencemos os inimigos no passado como um povo rico, com recursos culturais, também vamos vencer este inimigo chamado pobreza: vencer utilizando estes mesmos recursos para que o nosso povo trabalhador numa terra rica como esta, com bonitas montanhas como aquelas, muita água a correr, possam transformar isso numa riqueza que beneficie os filhos deste maravilhoso Moçambique, desta maravilhosa Pérola do Indico. Por isso acredito plenamente que nós vamos acabar com a pobreza. E acredito também que nós já podemos ver os sinais da pobreza a desaparecer:

Quando se constrói um hospital, é sinal de que há moçambicanos que já não poderão andar para tão longe para serem tratados!

Quando se constrói uma escola, é sinal de que há moçambicanos que já não terão que ir para tão longe para poder continuar os seus estudos!

Isso é lutar contra a pobreza. Isto é ir vencendo pouco a pouco a pobreza, carcomendo a pobreza nas suas raízes!

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Ribáue boye!

(Hoye!)

Eu queria apresentar-vos a minha delegação.

(seguem-se as apresentações)

Eu vou só dizer mais algumas coisas e depois vou pedir cinco cidadãos para virem aqui, que sem prolongarem muito darem o seu ponto de vista de como é que podemos acelerar o passo na luta contra a pobreza. Nós exprimimos já a nossa convicção de que como um povo que somos que venceu inimigos poderosos, também podemos vencer a pobreza. Assim como dentro dessa luta contra a pobreza sentimos a generosidade do nosso povo. Assim como a solidariedade para com as outras pessoas, os seus irmãos moçambicanos, que tem necessidades que não conseguem satisfazer.

Aqui estiveram a anunciar ofertas. Eu quero agradecer. Muito sensibilizado pela vossa solidariedade e generosidade. Uma parte das ofertas – uma parte grande – é alimentação. Alimentação em termos de comida que sai da machamba; alimentação em termos de animais de criação. Nós vamos tomar isso como a vossa solidariedade para com os outros moçambicanos necessitados. Assim, vamos reforçar o rancho, a comida, nos lares dos estudantes. Que os nossos estudantes saibam que esta é a solidariedade da população daqui de Ribáue. Vamos reforçar também o rancho nos orfanatos, onde criancinhas sem mãe, nem pai, vivem e nem sempre têm comida suficiente. Este pode ajudar um bocadinho a reforçar o rancho. Também vamos pegar outra parte para entregar aqueles que estão em tratamento na doença de SIDA. São nossos irmãos, são nossas irmãs e a doença fragiliza o organismo. Por isso, mesmo quando aplicam aquele medicamento, aquele tratamento, nem sempre conseguem ter resultado porque o corpo está debilitado. Assim, vamos apoiar os doentes para que possam alimentar-se bem e alimentando-se bem podem recuperar mais rapidamente e assim tornarem-se fortes de novo e assim darem a sua contribuição trabalhando. Por isso, podemos pedir os cinco cidadãos para virem aqui falar. Eu espero que não repitam aquilo que tiver sido dito antes, para nos dizerem mais coisas.

(seguem-se as intervenções dos cidadãos)

COMÍCIO NA CIDADE DA ILHA DE MOÇAMBIQUE – 3 DE MAIO DE 2007

...Ou então de ver aquela caravela. Muito, muito obrigado Ilha de Moçambique.
(Palmas)

Eu tenho duas mensagens. Antes das mensagens queria agradecer o vosso calor, a vossa.... Chegamos aqui ao meio da tarde. Estivemos ali no Aeroporto de Lumbo. Fomos ver um campo de jatropha e quando chegamos aqui na Ilha, tivemos a oportunidade de ir ver a escola secundária em construção, já na fase final, e isso tudo mostra que a situação está a melhorar. Que há mudanças. Mas sobre isso veremos mais tarde.

Eu disse que tenho duas mensagens. São curtas, porque eu quero ouvir mais mensagens vossas. Eu vou dar mensagens, mas eu espero que também tenham mensagens para mim. Eu vim para aprender de vós. Eu sei que temos aqui uma grande universidade. A

universidade da vida. Onde as pessoas querem melhorar as suas vidas. Onde as pessoas querem acabar com a pobreza e as pessoas estão prontas para participar nesta luta contra a pobreza. Por isso eu darei mais tempo para ouvir as vossas mensagens. Mas antes das mensagens, eu gostaria que conhecessem, as pessoas, os dirigentes que vem na minha comitiva. Eles vão se apresentar.

(seguem-se as apresentações)

A primeira mensagem tem a ver com as eleições que vão ocorrer este ano. Dois mil e sete temos eleições províncias, das assembleias províncias e basicamente aquilo que eu pretendo é apelar a população toda para participar nas eleições são um momento muito importante na nossa vida, porque durante a votação nós escolhemos o nosso futuro. Escolhemos o nosso futuro através das pessoas que nós escolhemos para nos representar. Se nós não participamos na votação, então nós não estamos a escolher o futuro. E esse futuro tem importância porque é importante para nós, para os nossos filhos, para nossos vizinhos, para todo o país. Por isso, este ano há eleições. Eu quero apelar a todos moçambicanos a votar. Todos devem votar. Aqueles que tem idade naturalmente para votar. Mas para votar é necessário que tenham cartão de eleitor. Sem cartão de leitor não pode votar. O nome não estará na lista. Não vai ser exercido o seu direito de votar. Por isso mesmo, é fundamental que todos participem no Recenseamento de raiz que vai ter lugar este ano. Quando houver recenseamento façam o favor: vamos inscrevermo-nos para depois virmos com o cartão de eleitor. E no dia da votação é bom estarmos lá todos presentes. É um dia só. Desta vez não há mais que um dia. Porque isso mesmo não devemos adiar, porque se nós adiarmos podemos estar a adiar o nosso futuro. E quando o futuro nosso é adiado podemos cair na desgraça. Por isso, o meu apelo é quando chegar a altura de recenseamento vamos recensear-nos!

Sabem que há muita gente que tem mais de 18 anos e que em 2004 não votou. Muitos desses que não votaram, não votaram porque não tinham cartão de eleitor. Nós pensávamos que tinham cartão de leitor todos e quando chegou o momento de votação e perguntávamos onde está o dedo, escondiam o dedo, porque o dedo não tinha nada marcado. E a única razão é porque não tinham cartão de eleitor. Não tinha cartão de eleitor porque alguns perderam. Alguns perderam por causa das calamidades. As águas arrastaram tudo, com os documentos também. Mas desta vez temos todos que nos preocuparmos. Ter um cartão de eleitor e guardar muito bem. E não esquecer onde guardou também. Porque se esquece onde guardou, no dia em que aparecer a necessidade de votar não há-de votar para poder escolher o seu futuro. O futuro dos seus filhos. O futuro dos seus vizinhos. O futuro da sua província. O futuro deste grande e maravilhoso povo moçambicano. Esta é a primeira mensagem.

A segunda mensagem. Sempre que temos dificuldades; sempre que nós temos um inimigo a nossa frente e queremos abater este inimigo devemos ter força para fazer isso. E a força que nós temos encontramos-la na unidade, na unidade dos moçambicanos desde o Rovuma até ao Maputo. A unidade dos moçambicanos desde o Rovuma ao Maputo foi ela que fez o colonialismo desaparecer. Só quando nós nos unimos é que conseguimos vencer o colonialismo em Moçambique e passamos nós próprios a tomar as decisões que nós queremos. Mesmo a paz que nós vivemos hoje, também a conseguimos por causa da unidade dos moçambicanos. Todos os moçambicanos descobriram que para acabar a guerra que faz sofrer os moçambicanos é preciso unirmos e trabalhar. A unidade é o grande instrumento que nós podemos utilizar para combater os nossos inimigos. O colonialismo era nosso inimigo. Inimigo de todos os moçambicanos. A

guerra era nosso inimigo. Inimigo de todos os moçambicanos. A unidade conseguiu vencer isso. Agora temos também um inimigo. Inimigo de todos moçambicanos. Esse inimigo chama-se pobreza. Todos moçambicanos são pobres. Todos moçambicanos sofrem da pobreza:

Só basta imaginar quantas crianças moçambicanas que ainda não conseguem estudar;

Só basta lembrar, quantos doentes moçambicanos ainda não conseguem ser tratados nos hospitais;

Só basta lembrar quantas estradas moçambicanas quando chove não deixam passar carros;

Ainda basta lembrar quantas pontes nós precisamos de construir para poder facilitar a nossa comunicação;

Também é preciso lembrar quantos moçambicanos não tem energia na sua casa; energia que está na rua ou a energia na cidade, mas onde ele está para ver tem que ter vela ou aquele candeeiro a petróleo. Isso mostra pobreza!

É preciso lembrar quantos moçambicanos tem falta de telefone. É verdade que a MCell está aqui. Mas será que todos que estamos aqui, temos o aparelho para utilizar a MCell? **(Não!)**

Isso é pobreza! É pobreza! A pobreza é o inimigo comum dos moçambicanos!

As vezes, aparecem alguns moçambicanos, porque têm um bom carro, porque têm uma boa casa, e dizem que são ricos. Não são ricos nada! Não são ricos nada! Quando vão a casa dos pais, encontram aquilo que eles querem? Quando vão a casa dos irmãos, encontram aquilo que eles querem? Quando eles ficam de repente doentes eles encontram remédio ali onde eles se encontram? Tem que viajar para Nampula para poder encontrar medicamento. Tem que viajar para Maputo, para poder encontrar medicamento. Isso quer dizer que somos pobres. Aquele que não é pobre, quando tem uma necessidade como essa, está perto. Está perto do local. Por isso, iria apelar a todos os moçambicanos a dizer que apesar dos avanços que estão registados aqui nós temos que continuar a lutar para acabar a pobreza. Para que chegar um dia, de que todos nós moçambicanos – homens e mulheres, adultos e crianças – possamos dizer: era uma vez, quando em Moçambique havia pobreza. Assim como podemos dizer: era uma vez quando em Moçambique havia colonialismo! Passou para a história. Já não está. Também podemos dizer: era uma vez quando em Moçambique havia guerra! Mas já não há. Passou para a História. Oxalá também que possamos rapidamente dizer: era uma vez quando éramos pobres, e agora já estamos pobres!

Se nós acreditarmos em nós mesmos;

Se nós acreditarmos na nossa força;

Se nós nos lembrarmos que fomos nós que nos libertarmos do colonialismo;

Se nós lembrarmos que fomos nós que acabamos com a guerra;

Nós moçambicanos, então vamos nos recordarmos em podermos vencer a pobreza;

Nós moçambicanos, nós moçambicanos que sabemos cantar tão bem;

Nós moçambicanos que sabemos dançar tão bem;

Nós moçambicanos que sabemos fazer arte tão bem;

Nós moçambicanos que fazemos todo o mundo nos admirar;

Nós moçambicanos que transformamos a Ilha no património de toda a unidade;
Nós se acreditarmos nisso, nós vamos vencer a pobreza!

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Eu gostaria de pedir oito cidadãos. Oito cidadãos para virem também... Queremos ver o caminho. Queremos saber para onde é que nós vamos. Queremos ter a certeza que vamos vencer. E nós queremos ter certeza que vamos chegar lá. Muito obrigado!

(seguem-se as intervenções)

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Ilha de Moçambique hoje!

(Hoje!)

Povo moçambicano unido do Rovuma ao Maputo hoje!

(Hoje!)

Queria começar por agradecer as mensagens que nos transmitiram. Depois destas mensagens sinto-me cada vez convencido que nós todos aqui presentes e noutros pontos do país temos as mesmas preocupações centrais. Nós todos sabemos que temos alguma coisa. Mas nós todos compreendemos que aquilo que nós temos ainda não é suficiente e por isso mesmo queremos ter mais. E esse ter mais significa avançar na luta contra a pobreza. E também compreendo que a maior parte vê que este combate contra a pobreza vai durar ainda algum tempo. Mas se nós desenvolvermos a cultura de trabalho, o hábito de trabalhar cada vez mais de modo mais organizado, nós vamos vencer este nosso inimigo comum, inimigo de todos os moçambicanos, que é a pobreza.

Aqui foram apresentadas várias questões e algumas delas são informações que estamos a receber em primeira mão e sobre elas para nós nos pronunciarmos, precisamos de investigar um bocadinho mais. Os meus conselheiros estavam ali a recolher informações mais detalhadas daquelas pessoas cuja informação precisam de maior aprofundamento. Mas uma coisa é certa: quando o cidadão moçambicano faz uma pergunta ele tem direito a resposta. Mesmo que a resposta seja não, é preciso que ele saiba que a resposta foi não.

Há pessoas que lamentam porque acham que foram expulsas do trabalho injustamente. Há pessoas que acham que podia se avançar mais na situação de resolução dos problemas aqui no município da Ilha. Há pessoas que falaram muito insistentemente na necessidade de um bloco operatório e de um laboratório para o nosso hospital aqui na Ilha. Há pessoas que falaram na recuperação da vida da Ilha através da reabilitação da ponte antiga. Outros ainda dizem que para poder resolver o problema de energia aqui na Ilha é preciso introdução da Credelec. Todas essas são questões que preocupam cidadãos honestos e são questões que devem merecer a nossa atenção.

E há, finalmente, dois problemas. Um que se refere a um cidadão que tem vindo a reprovar nos últimos 4 anos. E ele não compreende porque é que reprova, porque quando estava na escola secundária nunca reprovou mais do que uma vez numa classe e então procura saber – estando a espera dos resultados pela quinta vez – porque é que estando na Ilha, os ilhéus não podem passar. Bom, isto é um ponto que também

temos que investigar: uma pessoa pode reprovar porque não teve notas boas e nós não sabemos que notas ele teve. Por isso vamos compreender o que é que se passou;

Também há um jovem que falou da dificuldade que tem de arranjar emprego. Um técnico básico agro-pecuário da escola de Ribáue mas não consegue arranjar emprego nem no governo nem nas ONGs. E quando vai às ONGs dizem que tem que ter 5 anos de experiência. Apesar disto tudo poder ser problema, eu aconselharia ao meu jovem amigo, que com o curso que ele tem, com a formação que ele tem, ele podia abrir uma machamba sozinho e havia de começar a produzir muita coisa. Porque ele conhece da agricultura, porque tem curso para isso. Em vez de ter patrão, ele podia ser patrão de si próprio e quem sabe talvez pudesse vir a empregar outras pessoas. Isso para dizer que nós apreciamos as vossas contribuições. Isso mostra o Moçambique real que nós temos e o que podemos fazer para ultrapassar os problemas que nós temos. Por fim, nós queríamos recordar:

Um: este ano vamos ter eleições provinciais. Estas eleições vão ser um dia só. Para participar nas eleições tem que ter o cartão de eleitor. Para ter cartão de eleitor tem que recensear. Então apelamos a recensear-se; todos a terem cartão de eleitor e todos naquele dia a irem votar;

A segunda questão. Dois: nós temos que reforçar a nossa unidade, porque a nossa unidade é o segredo para termos vitórias e nós no passado vimos que com unidade vencemos grandes batalhas. Vencemos o colonialismo. Acabamos com a guerra e estamos todos em paz. Ganhamos a paz. Agora a nossa missão é acabar com a pobreza. E então – unidos – eu tenho a certeza que ouvindo opiniões diferentes, com maneiras de ser diferentes, com experiências diferentes, com talentos diferentes nós podemos usar toda essa força, toda essa energia para acabar com a pobreza!

Moçambique hoje! (Hoye!)

Ilha de Moçambique hoje! (Hoye!)

Povo moçambicano unido do Rovuma ao Maputo hoje! (Hoye!)

Muito obrigado! (Palmas)

COMÍCIO NO LIÚPO, SEDE DO DISTRITO DE MONGICUAL – 4 DE MAIO DE 2007

(...) Queria assim saudar toda a população do distrito de Mongicual. E queria aproveitar a oportunidade para saudar também a população dos distritos vizinhos que também está aqui presente. Quero ao mesmo tempo agradecer esta recepção muito, muito calorosa. Esta recepção que tem muita cor e muita vida. Esta recepção que foi enriquecida pelas vossas belas canções, assim como pelas vossas bonitas danças, onde íamos ouvindo mensagens atrás de mensagens explicando as preocupações e as expectativas da população. E naturalmente queria agradecer aquele grupo que apresentou aqui acrobacias. É muito bom ver os jovens moçambicanos a desenvolver acrobacias. Aquilo mostra que quando a mente, quando a força de vontade é grande, a pessoa pode fazer maravilhas no seu corpo. Aliás, a província de Nampula é muito bem conhecida neste aspecto. Há alguns anos aí havia na Ilha de Moçambique, também um acrobata. E agora temos a possibilidade saber que também aqui nós temos acrobatas. Muito obrigado por isso!

Mas também queria agradecer pelas valiosíssimas ofertas que acabam de nos oferecer. Uma oferta é algo de muito importante para aquele que dá, para aquele que oferece. Muitas vezes as pessoas oferecem, dão aquilo que lhes faz falta. Mas para mostrar, para testemunhar a amizade, preferem tirar essa coisa que não tem, que lhes faz falta e oferecer a pessoa amiga. Esta questão das ofertas mostra também o profundo espírito de solidariedade para com as outras pessoas. A solidariedade que é característica do nosso maravilhoso povo moçambicano. O maravilhoso povo moçambicano do Rovuma ao Maputo tem um sentimento muito forte como irmão. Por isso, quando acontece alguma coisa com um dos irmãos, o outro irmão, lá longe ou aqui perto, reage e vem em seu socorro. Nós vamos tomar as ofertas que foram feitas aqui e uma parte, particularmente no que se refere a alimentação e vamos considerar como ofertas de solidariedade. Oferta de solidariedade para com aqueles aqui na nossa província, aqui no nosso distrito, se encontram em dificuldades:

Há jovens que vivem nos lares das escolas e que as vezes têm dificuldade de ter comida. Raramente comem carne. Aqui nós temos cabrito. Uma parte poderá ir para esses lares, para que o nosso jovem estudante se lembre sempre de que Mongicual está solidário para com ele;

Existem pessoas, crianças em particular, e que não tem pai, e que vivem apoiados, amparados por pessoas de coração muito profundo e que precisam também de ter uma boa alimentação. Uma parte também será para eles. Para estas nossas criancinhas saberem que receberam de Mongicual apoio – apoio que é dado por Mongicual – significa o apoio e o amparo da grande família de Moçambique;

Também há pessoas que têm SIDA, estão doentes, estão fragilizados – e porque agora já se consegue arranjar anti-retrovirais, medicamentos, que ajudam a resolver o problema, e apesar de sabermos que SIDA não tem cura – mas esses medicamentos para funcionarem tem que encontrar um corpo bem alimentado e o corpo quando não é bem alimentado, o medicamento em vez de ajudar a reduzir o efeito da doença, agrava. Por isso nós também vamos encaminhar uma parte da comida que nos ofereceram para esse grupo de cidadãos moçambicanos. E vão compreender que Mongicual também se junta a família moçambicana num abraço para apoiar os seus irmãos em dificuldades.

Eu tenho uma mensagem. A minha mensagem foi reforçada por aquilo que disseram aqui. Nos discursos, nas mensagens, nas canções, ouvimos constantemente dizer que o povo de Mongicual combate a pobreza. Eu vou partilhar convosco algumas das minhas ideias sobre a questão. E depois de eu partilhar convosco essas ideias, também hei-de pedir para partilhem comigo as vossas ideias. Queremos ouvir como é que pensam, e os problemas que prevalecem por causa da pobreza. Como é que pensam que podemos acabar com eles. Porque nesta caminhada, na caminhada que nos vai levar a acabar com a pobreza, estamos todos juntos, do Rovuma ao Maputo, passando por Mongicual. Todos nós metemos na estrada e estamos a caminhar. Queremos chegar ali onde a pobreza vai acabar. Por isso também queremos ouvir a vossa opinião. Mas antes ouvir de a vossa opinião, ou melhor a vossa mensagem, e antes de ouvir também a minha mensagem, eu vou apresentar-vos alguns dos dirigentes que estão comigo.

(seguem-se as apresentações)

(...) depois de apresentar a minha mensagem também vou escutar a vossa mensagem, aliás, as vossas mensagens. A minha mensagem tem a ver com o problema da pobreza. Nós em Moçambique, em 1962, tivemos a oportunidade de ver nascer um movimento que uniu todos os moçambicanos desde o Rovuma até ao Maputo. Este movimento

era dirigido pelo Presidente Eduardo Chivambo Mondlane. A grande lição que ele nos transmitiu era de que contrariamente aquilo que dizia o colonialismo, de que as nossas diferenças eram o problema de Moçambique, isto é, as nossas diferentes línguas, as nossas diferentes tradições, as nossas diferentes maneiras de dançar, de cantar – o colonialismo dizia que isso era o problema – Eduardo Mondlane disse que isso não era problema. Pelo contrário, isso enriquece o nosso património: as várias línguas que nós falamos; as várias danças que nós dançamos; as várias canções que nós cantamos; quando elas todas são orientadas para alcançar o mesmo objectivo, isso tudo constitui uma força. Uma força muito poderosa. Uma força invencível. Por isso ele disse, se os moçambicanos querem a mesma coisa, sendo diferentes, juntarem as suas diferenças, e unirem-se, não haverá inimigos que os vença. Nessa altura, sabíamos, que apesar de Moçambique ser uma terra rica que dá magueiras, que tem água, que tem mar, que tem montanhas, e sobretudo que tem gente, gente trabalhadora, gente que gosta de viver junta, alegre, esse maravilhoso povo moçambicano... ele disse que juntando isso tudo, nós não conseguíamos acabar com a pobreza porque éramos dominados por estrangeiros. Não éramos nós que decidíamos o que queríamos. Não éramos nós que dizíamos onde queremos construir um hospital. Não éramos nós que dizíamos onde queremos ter uma escola. Não éramos nós que decidíamos onde queremos ter telefone. Estrangeiros faziam isso por nós. De fora deste país faziam isso por nós. Então, ele disse: se nós arrancarmos o poder, o poder vir para moçambicano e os moçambicanos decidirem o que querem, então a possibilidade de a riqueza toda que Moçambique tem... a possibilidade de essa riqueza ser utilizada para o bem dos moçambicanos torna-se algo concreto, algo tangível, algo palpável. Eu vou dar exemplo com uma manga. Nós temos uma mangueira. A mangueira dá uma manga aqui em Moçambique. Mas os moçambicanos no tempo colonial, não podiam beneficiar das mangas produzidas aqui em Moçambique; Não podiam beneficiar do peixe que é produzido no nosso mar; não podiam beneficiar dos minérios que estão debaixo desta terra. Quem decidia eram estrangeiros. Nós moçambicanos não podíamos ter o poder de decidir. Então Eduardo Mondlane disse: vamos tomar o poder. Mas para tomar o poder temos que estar unidos. E de facto unimo-nos. Em pouco tempo, o colonialismo foi vencido. Nós ficamos independentes. Isso mostra a força da unidade. Os mais velhos que estão aqui sabem que depois disso, houve uma guerra aqui no país. Nós não podíamos estar assim. Nós não podíamos trabalhar na machamba. Os moçambicanos não podiam gozar do poder que tinham. Eles não podiam. Apesar de decidir, não podiam beneficiar daquilo que o maravilhosos povo nosso pode produzir. Por isso, de novo, através da unidade os moçambicanos acabaram a guerra. Uniram-se e disseram: se temos diferenças, vamos encontrar maneiras de exprimir e manifestar as nossas diferenças. Mas essa maneira não pode ser a de impedir que o nosso povo faça as coisas. Deve ser falando, dialogando, para podermos todos encontrarmos os caminhos que permitam que as nossas riquezas beneficiem também os moçambicanos.

O problema da pobreza não nasce hoje. O problema da pobreza está na raiz do aparecimento da Frelimo. O problema da pobreza está na raiz da motivação que nos levou a alcançar a paz. O problema da pobreza é alguma coisa que ainda permanece hoje, como dificuldade. É verdade que hoje a situação é muito diferente. Hoje há mais escolas. Hoje as estradas estão um pouco melhor. Hoje temos sinal da TVM. Hoje temos sinal de MCEL – aqui na sede pelo menos. Não havia isso no passado. Hoje os moçambicanos podem estudar até 7ª classe, de graça – **mahala**. Com livros também **mahala**. Isso mostra que a situação melhorou. A situação é diferente.

Hoje é melhor a situação do que era ontem. Mas nós também sabemos que ainda não chegamos lá onde queremos ir. Ainda há escolas que faltam. Estiveram a dizer que no hospital não tem pequena cirurgia. Estiveram a dizer que é necessário passar estrada de asfalto aqui, de alcatrão. Estavam a dizer que MCell ainda não chega a todos postos administrativos. Isso mostra que ainda faltam coisas. O que nós temos ainda não chega para todos os moçambicanos. Por isso, a nossa riqueza ainda não é explorada por todos os moçambicanos. Felizmente vem muitas empresas do exterior abrirem fábricas, abrirem minas... mas mesmo assim aquilo que fica aqui em Moçambique ainda não consegue cobrir. Por isso, a nossa caminhada para acabar a pobreza está atrasada. Nós temos que avançar. Continuar a caminhada. É assim, o governo da Frelimo, o vosso governo, decidiu que para resolver o problema da pobreza, devemos trabalhar a partir do distrito. Devemos estudar a maneira de resolver a pobreza no distrito. E se no distrito nós tivermos riquezas que ficam com a nossa população, então a pobreza vai acabar mais depressa. É por isso que se diz que o distrito é o centro, é o pólo de desenvolvimento.

Decidiu-se outra coisa: que além de ser a partir do distrito; que para além do governo distrital, no distrito temos que ter um conselho consultivo distrital. No distrito temos que ter conselho consultivo Distrital. No Posto administrativo, um conselho consultivo do posto administrativo. Na localidade, o fórum da localidade. Estas são pessoas que vêm da população. Podem ser líderes comunitários, podem ser professores; podem ser enfermeiros; podem ser **chehes**, podem ser pastores, podem ser padres, podem ser camponeses. O conjunto desses todos que vem da população, que têm a confiança da população e é escolhido pela população é colocado de forma que esta organização para apoiar o governo distrital em todos os escalões identificando onde é que há problemas de pobreza e propondo medidas para combater esta pobreza. Porque nós todos sabemos que não é possível acabar a pobreza num dia. Até para produzir amendoim, nós não produzimos amendoim num dia: abrimos a machamba; revolvemos; semeamos; tiramos o capim e depois é que tiramos o amendoim. Isso leva muito tempo. Até a castanha de caju, nós plantamos, passam três anos ou até quatro anos e só depois é que começamos a ter caju. Para acabarmos com a pobreza, é fundamental também envolvermos uma luta contínua em que cada dia queremos ser menos pobre. Quando aparece estrada, já somos menos pobres. Quando aparece hospital, já somos menos pobres. Quando aparece água do furo, já somos menos pobres. É esse processo da construção da riqueza para os moçambicanos. Este conselho consultivo, para ser dado força, para ajudar a resolver os problemas foi dado pelo nosso governo sete milhões de meticais. Naquele ano passado chamava-se sete biliões.

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Os sete milhões que são entregues ao conselho consultivo têm duas missões: uma, aumentar a produção de comida. Aquele que tem machamba e quer aumentar a produção da machamba e não tem dinheiro, não tem recursos – mas nós sabemos que ele sabe cultivar – então pode beneficiar. Aumentar a produção da comida.

A segunda questão é para aumentar emprego. Aumentar **mutheko**. É fundamental isso, porque temos muitos jovens nossos na idade de trabalhar, mas não sabem onde vão trabalhar. Felizmente há muita iniciativa. Há uma iniciativa CASCA. CASCA.

Conhecem? Castanha de caju! Aquelas pequenas fábricas de castanha de caju. Ajudam a dar emprego. Mas esse dinheiro é para isso. É para poder ajudar a dar emprego. Este é o nosso objectivo. Por isso mesmo, o conselho consultivo distrital é que decide. Tem que vir escrito ali que na reunião do dia tal decidiram entregar ao senhor Mussa tanto dinheiro para machamba e ele senhor Mussa garantiu que vai comprar alfaias; vai comprar bois para aumentar a machamba e produzir amendoim. Ele garantiu também que vai arranjar emprego: dez empregos aos nossos jovens daqui – daqui onde nos encontramos. Ele também prometeu, que além disso, vai devolver o dinheiro. Vai devolver o dinheiro. Esse dinheiro não é dado. Este dinheiro vem dos vossos impostos. Este dinheiro é emprestado para depois devolver. E depois de devolver, o conselho consultivo há-de emprestar a outro para fazer a mesma coisa. E depois de devolver, vai emprestar a outro ainda para fazer a mesma coisa. Isso vai aumentar a comida em todo o lado. Isso vai aumentar emprego em toda a parte. Mas o conselho consultivo é que decide, compreendem? **(Sim! Palmas)**

Moçambique hoye!

(Hoye!)

E o conselho consultivo decide certo que é para resolver os problemas aqui no distrito. É para dar emprego aqui no distrito. Se vier uma pessoa, que não vive aqui, que não trabalha aqui, quer pegar no dinheiro, não larguem. Não dêem. Não façam isso. O dinheiro é para as pessoas que estão a trabalhar aqui. Não é preciso ser natural. Basta utilizar na machamba aqui. Basta empregar jovens aqui e que vai devolver aqui, porque isso é fundamental. Para desenvolver o distrito é necessário que haja muito dinheiro a circular no distrito. E se houver muito dinheiro a circular no distrito, então haverá muita gente com dinheiro a trabalhar, a comprar coisas, a vender coisas, e hão-de ver o nosso distrito a mudar. Não é isso que vai acabar a pobreza toda, mas este é o caminho para aliviar o problema da pobreza. O conselho consultivo, juntamente com o governo distrital tem que trabalhar de maneira transparente. Transparente quer dizer ver do outro lado. Transparente. Assim como me estão a ver e eu estou-vos a ver, também o trabalho do conselho consultivo com esses 7 milhões tem que ser transparente. Tem que se saber quem é que emprestou. As pessoas têm saberem todas aqui. E se pegou em 100 mil e se emprestou a fulano de tal; pegou-se em 200 mil e emprestou-se a associação tal, que vai pagar no dia tal. Se não paga, vai-se ao conselho consultivo perguntar onde está o dinheiro. O conselho consultivo é obrigado a compreender o que é que se passa: ir visitar aquela pessoa, porque está a utilizar a riqueza do nosso povo. Por isso mesmo, a gestão tem que ser transparente como a água – a água limpa: a gente vê o outro; ou como o vidro – não aquele pintado, não. A gente vê do outro lado. Cada escudo, ou cada metical, a gente tem que saber para onde é que foi. Estão a compreender? **(Estamos!)**

Estão a compreender bem?

(Estamos!)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

É preciso agarrar esta oportunidade. Meus irmãos, agarrar esta oportunidade para ir resolvendo os nossos problemas, para sermos cada vez menos pobres. Enquanto o

governo faz estrada, logo que arranja dinheiro traz energia, quando pode um bocadinho reabilita hospital, a preocupação vossa deve ser produzir mais comida. Produzir mais emprego. Esse emprego pode ser na produção de comida, pode ser na construção, pode ser na comercialização... O que importa é que saibamos menos jovens estão desempregados.

Moçambique hoje!

(Hoje!)

É esta a mensagem que eu queria trazer. A luta contra a pobreza é dura. Mas nós temos força suficiente para avançar, porque nós fomos capazes de vencer o colonialismo, que tinha todo esse país e mesmo assim foi derrubado. Nós moçambicanos, fomos capazes de acabar com a guerra e hoje vivemos todos juntos. Não foi fácil também. Hoje, todos os moçambicanos são chamados para combater a pobreza. O caminho, é o distrito. Conselho consultivo. Sete milhões. Mas sete milhões cristalinos. Transparentes. Cada metical para onde é que foi. Cada metical para onde é que foi. Aquele dinheiro não se dá. Aquele dinheiro empresta-se. E quem pede emprestado deve pagar. Se não paga, não vai ter mais ajuda. Ninguém vai confiar nele, porque todos vamos saber que aquele enganou o dinheiro do povo. Roubou o dinheiro do povo. É ladrão!

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Agora quero ouvir a vossa mensagem. Eu vou pedir oito cidadãos para virem aqui apresentar a sua mensagem. E eu pedia que o discurso deles fosse directo. E se houver alguma coisa dita pelo interveniente anterior eles não repetissem. Queremos sair daqui diferentes, enriquecidos pelos conhecimentos que nos vão transmitir. Quando estamos numa reunião como esta, é um momento de aprendizagem. Chegamos sabendo algumas coisas e quando saímos sabemos mais algumas coisas.

(seguem-se as intervenções)

Muito obrigado pelas vossas contribuições. Nota-se pelas contribuições que todos querem combater contra a pobreza. Alguns pontos que foram apresentados precisam de aprofundamento. Aprofundamento do nosso lado, porque quem apresentou aprofundou, naturalmente. Por isso, os meus conselheiros estavam a trabalhar com as pessoas que apresentaram as questões e isso vai permitir que nós possamos saber depois o que é que possamos fazer. Mas uma coisa é certa: eles terão que receber resposta. Pode ser directamente daqui do distrito. Pode ser da província. Ou pode ser também das estruturas centrais. Aqui eu vou focar em alguns aspectos que foram referidos. Não vou tocar em todos. Aqui fala-se do dinheiro do financiamento. Isto é, o financiamento dos 7 milhões é emprestado a aqueles que já tem dinheiro. Nós gostaríamos de recordar quais são as condições de financiamento. O financiamento não é para distribuir dinheiro as pessoas. O financiamento é E s problemas que nós escolhemos são emprego e comida. Só pode receber esse dinheiro a organização ou a associação ou o empresário que vai dar mais emprego ou que vai aumentar a comida. E mais ainda. Tem que garantir que vai pagar, que vai devolver o dinheiro, porque alguns podem pegar no dinheiro e ao invés de ir para machamba, vão comprar bicicleta. A bicicleta é importante, mas este dinheiro não é para comprar bicicleta. Este dinheiro é para arranjar emprego para outras pessoas. Por isso, é bom estarmos claro quanto a isso. É aqui onde entra a responsabilidade do conselho consultivo. O conselho consultivo só pode aprovar quando reunido conclui que fulano de tal ou a associação tal pode fazer isso. E depois explicam. Explicam às pessoas que fulano de tal, que tem aquela fábrica

foi dado tanto dinheiro e que ele vai aumentar emprego. E que ele vai pagar e diz quando é que vai pagar. Por isso o conselho consultivo deve trabalhar muito próximo do povo. Quando reúne o conselho consultivo, é preciso que as pessoas estejam informadas que reuniram. Depois da reunião devem reunir com a população, lá na aldeia, lá onde estiverem para explicar o que é que estão a fazer.

Aqui falou-se também muito do problema do hospital e o problema da maternidade – e da falta de casas de banho. Falou-se também da questão dos professores, tanto dos instrutores de alfabetização como também a situação dos professores contratados que ainda não foram transformados em professores efectivos.

Falaram da necessidade de um médico e de um juiz. E também lamentaram do facto da antena da TVM nem sempre funcionar. Indicou-se a questão a governação aberta ao nível distrital e apelava para que o administrador também explicasse às pessoas o que se estava a passar com os sete milhões. Todo o sistema deve ser informado. Nós só saberemos se estamos a trabalhar bem se a população achar que estamos a trabalhar bem.

Foi perguntado também a quem é que se entrega o pedido de financiamento. Eu penso que isto é uma tarefa do conselho consultivo, que na sua reunião deve discutir como é que vai acontecer e depois vão explicar a população que neste momento podemos financiar; quem quiser o financiamento deve apresentar o seu pedido no lugar tal.

Falou-se ainda do problema de um empreiteiro que se diz que não paga aos seus empregados e que se pensa que o governo não faz nada e não se sabe porquê. Estas são as questões que foram registadas por nós e mais outras que não referimos. Mas na essência aquilo que nos leva a estar repousados é que também aqui não gostam de ser pobres. Portanto, a pobreza é o inimigo de todos nós e que querem acabar com a pobreza. E que estou a ver pela maneira como falam, querem acabar com a pobreza. Este é um bom espírito. Não podemos deixar a pobreza repousar!

Finalmente, este ano vamos ter eleições. Dois mil e sete. Eleições da Assembleia Provincial. Para a eleição poder ocorrer é preciso que haja votação. Para a pessoa poder votar a pessoa tem que ter cartão de eleitor. E para poder ter cartão de eleitor é preciso recensear-se. Eu queria dizer-vos que este ano haverá recenseamento eleitoral. Seria bom que todos aqueles que são adultos fossem buscar o seu cartão de eleitor. E quando chega o dia de votar – já que só é um dia – ir votar! Votar é escolher. É escolher se quer continuar pobre ou não. Isso é para si, para a família, vizinho, para a povoação, para o distrito, para todo o país. Por isso é preciso que todos nós participemos no processo de votação, e para tal participemos no recenseamento.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Província de Nampula hoye!

(Hoye!)

Mongicual hoye!

(Hoye!)

Liúpo hoye!

(Hoye!)

BREVE COMÍCIO NO POSTO ADMINISTRATIVO DE QUINGA, DISTRITO DE MONGICUAL – 4 DE MAIO DE 2007

(...) Diziam também que eram pessoas muito trabalhadoras. Os poucos minutos que aqui estamos dão para acreditar que é verdade. E de facto, há muita gente, muito trabalhadora, e que está a trabalhar para o desenvolvimento de Quinga. Trabalhar para o desenvolvimento de Quinga é o mesmo que trabalhar para o desenvolvimento de Mongicual. É o mesmo que trabalhar para o desenvolvimento de Nampula. É o mesmo que trabalhar para o desenvolvimento de todo o país.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Quinga hoye!

(Hoye!)

Nós queríamos dizer-vos que este ano nós vamos ter eleições. Ainda em 2007 teremos eleições. As eleições em 2007 são para a Assembleia da Província. Mas para podermos participar nas eleições, aquelas pessoas que têm direito de votar é preciso que tenham um cartão de eleitor. Porque só com cartão de eleitor é que podem votar. Neste momento, nós sabemos que vai haver recenseamento de novo – recenseamento de raiz – para que todas as pessoas que querem votar e podem votar se possam recensear e possam receber o cartão de eleitor. Por isso mesmo, nós queremos apelar-vos, a toda a população de Quinga, para participarem no recenseamento. E além de participarem no recenseamento, para ficarem e guardarem muito bem o cartão de eleitor. Porque sem o cartão de eleitor não estarão em condições de escolher o seu próprio futuro. O futuro dos seus filhos. O futuro dos familiares. E quando eu falo do futuro, estou a falar da escola. Se vamos ter escola ou não. Se vamos continuar com a escola ou não. E isto faz-se participando activamente no recenseamento e obtendo cartão de eleitor. E uma vez com cartão de eleitor, no dia da votação – que vai ser num só dia, não será dois ou três dias como costuma ser. Vai ser apenas um dia – ir escolher os seus representantes na assembleia da província de Nampula.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Eu tinha uma segunda questão a pôr-vos. Uma segunda questão a pôr-vos. Nós estamos a lutar contra a pobreza. Foi possível explicar com mais detalhe isso em Liúpo. Mas isso ensina-nos uma coisa. Que precisamos de visitar mais directamente os postos administrativos e ficar mais tempo. Eu estava dizendo que a nossa luta – todos nós que estamos aqui e os outros moçambicanos que se encontram do Rovuma ao Maputo – é para acabar com a pobreza:

Quando vemos aquela maternidade que está ali é para acabar com a pobreza: é para que as nossas mulheres tenham o devido cuidado. Para que as nossas crianças possam nascer sãs, com saúde.

A escola que está sendo construída, o EPC, também é para combater a pobreza. Os alunos que estão lá a estudar, quando acabarem de estudar hão-de trabalhar e vão

produzir riqueza para este país. Alguns deles vão ser professores. Outros hão-de ser enfermeiros. Outros hão-de arranjar estradas. Outros ainda hão-de construir escolas; hão-de construir edifícios. Outros hão-de arranjar energia – fazer ligações com a energia de Cabora Bassa. Isso tudo depende da formação daquela escola. Por isso, a escola é o momento em que aprende a combater a pobreza.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Quinga hoye!

(Hoye!)

Agora, eu queria pedir-vos que aparecessem três cidadãos aqui. Só três só. Falarem muito curto, para nos dizerem como é que estão a combater a pobreza aqui: que dificuldades têm. Três cidadãos. Pode ser homem, pode ser mulher. Pode ser criança, pode ser adulto, pode ser velho. Que venham aqui poder ajudar-nos.

(seguem-se as apresentações)

(...) Mas infelizmente o nosso programa não permite. Logo que chegarmos a Liúpo começamos com outra reunião e as pessoas estão lá a espera. É a reunião com o governo distrital e depois a reunião com o conselho consultivo distrital. E depois disso há outras reuniões, que esperamos fazer ainda hoje, com as nossas mulheres. Felizmente que vamos ter reunião com o governo e com o conselho consultivo distrital. É interessante notar que os pedidos que são feitos aqui são todos pedidos para resolver os problemas do povo:

Estão a pedir antena, para poder ver televisão ou para poder ouvir telefone, não sei. Estão a pedir estrada asfaltada para facilitar a ligação dentro do distrito e dentro da província. Agradeceram a escola, mas também informaram que há muitas crianças que ainda não tem escola.

O posto de saúde também dizem que falta. O que temos lá é pequeno. Dizem que a maternidade é bem-vinda mas que ainda não viram pessoal. E finalmente falaram da energia de Cabora Bassa. Nós tomamos nota disso. Mas queremos dizer que se nós tivéssemos íamos dar logo, mas como não Felizmente que a nossa luta é comum. Aquilo que estão a pedir aqui é também o que a gente quer.

Queríamos dizer outra coisa. O conselho consultivo do posto administrativo tem a sua representação no conselho consultivo distrital é que decide sobre as questões de desenvolvimento do distrito. E eles têm obrigação – os membros do conselho consultivo – de fazerem reunião convosco e dizerem o que é questão a discutir lá. Que problemas estão a resolver e também de ouvir as vossas preocupações. Uma das maiores preocupações que temos hoje é o problema do emprego, sobretudo para os nossos jovens. Estamos a batalhar para encontra meios de arranjar emprego para os nossos jovens. É por isso que há os famosos sete milhões. Os sete milhões são para aumentar a produção de peixe. Para aumentar a produção da agricultura e também dar mais emprego sobretudo aos nossos jovens, lá na pesca, na agricultura e na construção. Naturalmente que os sete milhões são poucos (...)

Moçambique hoje! (Hoye!)

Moçambique hoje! (Hoye!)

Quinga hoje! (Hoye!)

Muito obrigado! (Palmas)